

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JUNHO DE 1902

N.º 82

## SUISSA



Geleiras de Rosette e Bernina vistas de Muraigl. (2.520 metros)

# A' ENTRADA DA BARRA

**B**AQUELLA noite, deitára-me cedo, e, dentro em pouco, adormeci.

Um choque violentissimo! — O navio estacou de subito, no regular andamento que levava, e como alguém que, sentindo-se ferido de morte, cambaleia antes de cair, n'aquelle estarecimento que o commetteu, teve como que a mesma oscillação, o mesmo cambalear de ferido. — Ao lado, rasteando-lhe um dos bordos, um enorme vulto negro, sem uma luz ou pharol, sinistramente se escondia na sombra da noite, verdadeiro navio phantasma, assassino mysterioso cujo nome talvez nunca se viesse a conhecer.

O mar, d'uma quietação de lago, não tinha a menor ondulação. Assim era havia dias. N'aquelle, o ultimo da viagem, tudo corréra admiravelmente. A perspectiva da proxima chegada, o final d'aquellas longas horas de aborrecimento e mal-estar d'uma prolongada travessia, todas as contrariedades que acompanhavam o viajante a bordo n'uma installação acanhada e deficiente, a convivencia forçada com os mesmos individuos, pela maior parte estranhos, que, pouco ainda, se não conheciam, e, pouco depois, haviam de ser esquecidos, — tudo isso ia em breve terminar, e ser trocado pela presença de entes queridos, saudosamente desejados; pela estadia na patria que viria compensar, para alguns, os longos annos d'uma vida de sacrificios e de trabalhos passados em longinquas e inhospitas regiões. — Era a alegria do ultimo dia a entrar no coração de todos; os rostos respiravam maior franqueza; a convivencia tornára-se intima entre pessoas que até ali mal se falavam. Até nos rudes homens da tripulação havia um sorriso de bondade ao vêr aquella azafama geral que lhes fazia lembrar os breves dias de descanso que tambem iam ter.

Até então a escuridão era quasi completa. N'aquelle mesmo instante, porém, esbranquiçou-se um lado do horizonte com uma tenue claridade, que, pouco a pouco, foi invadindo o espaço.

Devia-se entrar a barra alta noite. A maioria dos passageiros recolhera-se aos beliches, na certeza de acordarem fundados no porto, com a ideia do bello panorama que haviam de presenciar, quando, muito cedo, subissem ao convéz. — N'aquelle silencio da noite, cortado apenas pelas pancadas regulares do helice, a vida a bordo parecia completamente parada, d'uma serenidade inteira. Tudo dormia n'uma confiança absoluta, seguros do tempo, fiados n'aquelles que, vigilantes, dirigiam o rumo do navio na conhecida esteira que o havia de encaminhar ao porto. Lá fora sentia-se a enorme massa d'agua cercando-o por todos os lados e na qual o navio, ponto microscopico, assentava sobre Deus sobre que profundidade. Mas que importava isso? Era o ultimo dia, e o mar era como um lago, e o porto estava proximo.

Ao choque subito, o sobressalto foi geral. Ninguém houve que, sem ainda explicar o que acontecera, não imaginasse uma fatalidade. A's vozes de commando que soavam em cima, seguidas d'um certo movimento e correr de gente, responderam gritos afflictivos soltados aqui e alem no interior do barco. E, todavia, não se ajuzára ainda do mal. — A costa era perto; o andamento, depois de pequena interrupção, proseguia como até ali. Duas ou tres horas mais, e o navio chegava a porto e salvamento. — Entretanto, a maior parte da gente acudia ao tombadilho, mal vestidos uns, outros quasi nus, na pressa de se libertarem da prisão dos camarotes, promptos á primeira voz se o perigo obrigasse a abandonar o navio.

Então, a luz, já no minguante, surgiu no horizonte, d'uma cor livida e arroxçada, envolvendo tudo n'uma tinta tristemente desoladora.

Nesse mesmo instante, brilharam a guisa, o cabo da Roca e o de Espichel. O navio, como se nada fôra, seguia o seu rumo, aprofando a meio d'elles. Decorreu tempo. Soube-se então que um barco qualquer abalroara com o nosso, ou antes, que o nosso, pelo escuro da noite e porque o outro nenhum pharol trazia, se lhe atravessara diante. Constatou a existencia d'um rombo. Mas... o navio continuava a sua marcha. A terra estava tão perto! Os pharoes brilhavam cada vez mais vivos... D'ahi a uma hora estava-se livre de toda a inquietação. — Socegados por esta perspectiva, animados pelos officiaes, desejosos ou de occultarem toda a gravidade do caso, ou de poderem mais livremente tentar a salvação, os passageiros, com a mesma facilidade com que se tinham alarmado, se deixaram convencer e recolheram-se aos camarotes. — Se Lisboa estava tão perto!...

Entretanto, a luz, deformada e roxa, erguia-se no espaço. Por toda a superficie liquida, d'uma quietação extrema, grandes reflexos violaceos, levemente tremulos, traziam do horizonte até ao navio a imagem desfeita do astro

Em frente, a linha escura da terra ia avultando para um lado e outro; e, ao centro, de quando em quando, a luz intermitente do Bugio

brilhava e apagava-se regularmente, como o olhar rubro d'algum gigante espreitando a marcha do navio.

Para lá, muito para longe, uma leve tinta avermelhada cobria um pouco o espaço, como o clarão d'uma grande fogueira a reflectir-se na neblina da atmosphera. — Era Lisboa.

Então, foi a catastrophê!... A salvação era impossivel. O navio mettia agua sem descanço, e, lenta, mas fatalmente, ia-se submergindo. — Quando a terrivel certeza foi conhecida, quando o grito d'angustia soltado pelos da tripulação acordou o desespero em todos os peitos, já não era tempo. — Então, homens, mulheres e creanças, em turbamulta, ansiosamente, n'um terror que fazia desconhecer parentes e amigos, no simples instinto da salvação, que a nada attende senão á conservação propria, tudo se arrojou loucamente para perto dos escaleres que se tentavam arrear.

O navio parára de vez.

A bombardeio, a terra divisava-se distinctamente. Era Cascaes, com as suas luzes e a animação propria d'aquella epoca de estação balnear. Chegavam, trazidos pela brisa, aromas de jardins e fracos sons de instrumentos, d'algum concerto ou baile de qualquer club das praias.

Alem, divertiam-se. Aqui, perdidos n'um vasto lençol d'agua, fria mortalha que ia, aos poucos, envolvendo o navio, era a morte diante dos olhos.

Que contraste e que desespero!

Lentamente, mas fatalmente, a linha d'agua ia subindo. Dois escaleres, cheios de gente, conseguiram apartar-se em direcção á terra. Para aquellas era a salvação, mas quantos não ficavam ainda! — Cresceu o clamor nos de bordo. Havia o recurso de mais algumas embarcações pequenas, mas quanta gente ainda por salvar! Com certeza, muitos seriam os condemnados!...

... N'isto, mendonhamente, a prôa começou a desaparecer, cobrindo d'agua parte do convéz, e, quasi a seguir, com a rapidez do pensamento, abriu-se a voragem, e tudo o que ainda emergia ha pouco, foi tragado na cova liquida que, por momentos, se fez com o afundar do navio. — No sordido terrivel dois dos escaleres que fugiam foram apanhados e desapareceram tambem.

D'ahi a instantes, o vasto lençol d'agua estendia-se na quietação serena das lindas noites de maio.

Lá ao alto, a lua reflectia-se poeticamente n'aquelle espelho tranquillo.

Apanhados pela enorme massa liquida, que tudo cobriu, precipitados na atroz voragem, muitos conseguiram vir ao lume d'agua. Outros, a maior parte, sentiram o beijo frio da morte envolvel-os por todos os lados. Quizeram gritar, impossivel! Tentaram segurar-se n'aquelle elemento escuro e glauco que os deixava desamparados, e nada encontravam. — E a sensação do instante final entregava-os a um verdadeiro desespero de lucta pela vida, quando tudo era perdido e sem remedio. Em cima, á superficie, muitos bracedavam por alcançar a costa. Consegui-o-hiam? Era duvidoso. — Dentro d'agua, n'aquelle estertor derredore da existencia, o bracejar era o mesmo, irregular e inutil, mas na mesma animação de salvação, no mesmo desejo de vida.

Pela espessa camada, verde-negra, lentamente desciam corpos, inanimados, soltos, inteiramente perdidos. Outros, porém, agarrando-se a fragmentos que lhes passavam perto, vinham acima e tinham por momentos um clarão de esperança.

Mas, enquanto a lucta formigava tanto á superficie como no interior da grande massa liquida; enquanto centenas de seres tentavam, n'aquelle desespero enorme e horrendo, encontrar uma salvação impossivel, — a aragem, soprando de terra, trazia aos naufragos o fresco aroma das plantas e os accordes harmoniosos d'uma festa, onde se folgava e se gozava a existencia, ao passo que ali, perdidos, distantes da costa, o que todos tinham era a morte diante dos olhos, esperando pacientemente, na certeza de os colher até ao ultimo.

Ao alto, a lua, no minguante, banhava tudo n'uma tinta triste e desoladora, e perto, muito perto, o clarão intermitente do Bugio parecia como que espreitar o estertor final d'aquellas centenas de desgraçados.

Quando, no dia seguinte, fundados em Lisboa, eu acordei do horrivel pesadello que toda a noite me atormentara, o sol da patria, alegre e festivo, entrava-me pelas vigias do camarote, e, do sonho da vespera, apenas ficava uma incommoda dôr de cabeça que os abraços da familia e a vista dos amigos, d'ahi a pouco, haviam de fazer desaparecer.

ALBERTO MARQUES PEREIRA.



## Cesar Augusto de Campos Rodrigues



ex lição a dizemos—Campos Rodrigues é uma glória nacional!—

N'estes tempos de pratico utilitarismo proprio, em que não raro o talento se põe ao serviço da comodidade e do gosto, mal comprehendem verdadeiras devoções, descrei-se de todos os actos que se dizem isentos de vaidades e mundano egoismo: bem o sabemos. Felizes aqueles que ainda tem a alma para poderem reconhecer uma personalidade como a de Campos Rodrigues, e poderem vêr n'elle o puro reflexo d'essas grandes virtudes que a historia patria nos legou. Não exageramos, não nos cega a amizade e o profundo respeito que sentimos pelo grande mestre; *patiar-chá*, lhes chamava o falecido e sempre chorado almirante Capello—outro illustre e devotado marinheiro portuguez—como que significando assim, o elevado valor dos rizes do nosso biographado.

Só a brevissimos traços poderemos fazer, aqui, o retrato de tão precioso cidadão, honra da armada portugueza, lustro e brilho da sciencia; só muito rapidamente poderemos descrever a sua carreira de triumphos e modestias, de sacrificios e bondade, da alta sabedoria e do bem.

Foi o sr. Campos Rodrigues, alumno do Real Collegio Militar, e fex depois, parte da companhia de guarda marinha em 1851; em seguida a varias viagens de instrução de official foi a bordo do brigue *Mondego*, n'esse navio que se tornou tão celebre, tristemente, nos annos da marinha portugueza, com o seu tragico naufragio.

Experimentero bem a rudeza do antigo viver dos navios de guerra, á vela. O brigue ia atulhado de gente e foi theatre de todas essas emocionantes scenas, mais uma vez descritas com tão vivas cores: houve as epidemias, o mau tempo, a arribada, o habrimento e a partida, em uma viagem de 160 dias pelo Cabo, a Macau. Quatro longos annos durou a estação do brigue no oriente, percorrendo este navio todos os portos da China; hoje dois annos de estacão são já demasados!

Ahi leve o sr. Campos Rodrigues bastas occasoas de pôr bem em relevo os seus bellas dotes de intelligencia e coragem. Assistiu ao bombardeamento de Cantão, de bordo de uma lanchea armada em guerra, que commandava; teve de posicão proeminente no aprisionamento dos temidos piratas do celebre Alen Kai, irmão do famoso Apac, arriscando temerariamente a vida. Foi realmente durante a estacão da China que se começaram a patular as extraordinarias qualidades de homem de sciencia e de investigador judicioso, a par dos mais distinctos primores de caracter; sempre a sua preoccupação foi, não attribuir a si, e sim aos seus camaradas, o merecimento dos trabalhos que elle fazia, e descreto, não se considerando.

Tinha o celebre Maury, dirigido uma circular aos meteorologistas do mundo civilizado e pedido á grande familia dos navegantes, que a bordo de todos os navios se fosse constantemente registando as observações, em conformidade com o regulamento de observações *Celestiales*, que publicou. A bordo do *Mondego* foram. José Castilho e Campos Rodrigues, os encarregados d'essas observações, que pontualmente realizaram durante toda a viagem e estacão. E remettedos que foram os resultados a Maury, por intermedio do sr. Tegada, director do observatorio de S. Paulo. Ahi accusava elle a recepção, dizendo: «o diário nautico do brigue *Mondego* é uma peça preciosa, está admiravelmente desempenhada e dá-lhe grande credito. O localidade Portugal na fletora mais avançada da nobre causa». E, diga-se já de passagem, a curiosa coincidência, vividos 44 annos, os trabalhos de Campos Rodrigues, tambem em collaboração com outros astrónomos de todo o mundo, lograram, e ainda não ha muito tempo, conquistar o primeiro lugar em assumptos de astronomia, pela affirmacão repetida e insuspeita do director do Observatorio de Paris.

No regresso á patria, de tão longa estacão, e n'esses dias de agonia do brigue *Mondego* e quando se ia afundando, revelou o sr. Campos Rodrigues os seus raros dotes de espirito calmo e lucido, do seu caracter altruista. Enquanto o pânico muito justificado se alastrava a bordo, estudava e construía o sr. Campos Rodrigues uma jangada que, infelizmente, não chegou a servir. Depois, quando tal se ia já perder, deu-se ao arduo e arriscado trabalho de salvar vidas, na unica embarcação que escapara ao naufragio: 66 pessoas estavam salvas a bordo da barca americana que providencialmente appareceu n'essa fugubre occasião; mais 44 tinham de ficar empalladas, nas aguas que devoraram o brigue, e Campos Rodrigues só por ordem muito expressa do commandante, não precepi, pois que generosamente se aventurara a ser mais uma victima, fatalmente destinado a submergir-se, com a ultima embarcação, que as serras do mar não tinham ainda tragado. Cruéis momentos, que alguma vantagem tiveram, a de revelar as mais nobres qualidades, de tão nobrissimo qualite, do nosso honroso biographado, do mais puro caracter que temos encontrado n'este nosso já longo roçar pela vida.

Chegado a Portugal, fez o curso de engenheiro hydrographo, com notavel distincção. O illustre, mas severissimo, lente de mechanica da Escola Polytechnica, Francisco Horta, classificou-o com 70 valores, e sae mais elle do que foi, porque mais não havia, e como muito judiciosamente disse:—«Completado o curso, entregou-se aos trabalhos applicados de hydrographia fazendo então parte do pessoal da antiga commissão geodesica. O seu estacão no Rio Minho constitue uma verdadeira preciosidade no genero. E já então se embrenhava resolutamente nos estudos analyticos, pronunciadamente transcendentis, das marés oceanicas, de que tanto, ainda hoje, de depois de desbravado o caminho por summidades como Lord Kelvin, se arrepcam. Bastante pena é que essas resultados de suas profundas investigações tenham até hoje ficado meditados! e para lamentar é que o mesmo tenha acontecido a tantos outros dos seus preciosos estudos».

Mas tudo isto tinha de ser sómente o pedestal em que devia assentar a maior obra do nosso prestissimo biographado.

Em 1866, estabelecido que foi em Portugal o observatorio astronomico, que pelo local se passou a chamar vulgarmente—o observatorio da Tapada



C. A. DE CAMPOS RODRIGUES

—, foi o sr. Campos investido do cargo de adjuncto do eminentissimo astrónomo portuguez Ossu. E desde então para cá, a sua vida consagrada aos estudos, ainda mais do que a propria Terra, tem-lhe, por assim dizer, sublimado os seus bellas dotes de intelligencia e do coração. Quem, sabendo o sacrificio a que se vota o astrónomo, amarrado dia e noite ao observatorio e attendendo ás circumstancias particulares do nosso mesquinho viver, os effeitos de perniciosas ingerencias politicas, medir em boa creveja, todo o valor da grande obra de Campos Rodrigues, não pôde deixar de se admirar! E d'aquelles que trabalham por amor da sciencia, por veneração ao trabalho até ao sacrificio da propria saude, com soberano desprezo por tudo quanto se ligue com proventos; pois aquelles que podiam granger, não dizem já pelo seu valor, mas pela sua graduacão militar, podiam ir ao dobro dos seus honorarios como director do Observatorio, cargo que hoje tem; ha empregados em outros observatorios que recebem maiores proventos!...

Alguem, consta-nos, querendo aproveitar as suas extraordinarias aptidões para a mechanica, qui confiar-lhe a direcção, altamente remuneradora, de uma importante fabrica e o sr. Campos, sabemos, rejeitou a offerta, por causa do seu serviço official!

Digamos em muito poucas palavras o que é o sr. Campos Rodrigues como astrónomo.

Tudo quanto ha no Observatorio da Tapada reflecte brillantemente o traço da sua luminosa intelligencia e do seu presistente labor, desde o proprio edificio até o mais modesto apparelho. Não ha instrumento que não tenha, logo desde a montagem, começado a sentir o benéfico influxo do notavel astrónomo portuguez; e os processos de observação simplicam-se como que por encanto, os calculos são reduzidos maravilhosamente, aperfeccionam-se notavelmente os resultados, como em parte alguma, podemos orgulhosamente dizal-o. Os astrónomos mais eminentes que tem visitado o nosso Observatorio Astronomico de Lisboa, saem extasiados e mais de um tem ido pôr, em pratica nos seus paizes o que admirou aqui.

Seria extensissimo o rol de melhoramentos e até de perfeitas invenções com que o sr. Campos Rodrigues tem honrado o nome portuguez; não o podemos dar em tão breve noticia, mas, referir-nos hemos ao acaso, ao sabor da memoria. Alem de estudos que abrangem todos os grandes problemas da astronomia, vem nos á memoria, o seu bello chronographo de tinteiro simples, os seus diagrammas feitos, muitos, ainda antes da moderna exploracão da monographia. O balão da hora official, construido sob as suas indicações, é, de todos, o que cae com maior precisão; e ainda sob as suas indicações foi estabelecido o serviço da hora em S. Miguel, ou dos muitos outros, agora realizado, do nosso prestissimo compatriota libeo, o sr. major Chaves. O seu *examinador* de parafusos micrométricos, feito por suas proprias mãos, e depois de profundas locubraciones, é de um valor incalculavel.

As observações que tem feito e aquellas que tem dirigido são de uma notavel precisão, baseadas sobre os seus bellos processos de aleniar os erros de chamada *equação pessoal*.

E quanto mais haveria a citar da grande obra do notavel astrónomo!

Mas, digamos ainda tudo o que pensamos. Pode-se avançar que o sr. Campos Rodrigues, é hoje em Lisboa o oraculo a que recorrem, com certa felicidade, todos aquelles que tem de pensar em assumptos geodesicos ou astronomicos. O sr. Campos é o verdadeiro sabio; e quantos se não tem poupado a rudes canceiras de espirito, consultando o! Soubemos de um cavalleiro que depois de ter percorrido as sumidades mathematicas do nosso paiz, abraçou o sr. Campos, por só elle o ter podido convencer que um seu modo commum era falso, como não podia deixar de ser... tal é a lucidez da sua exposicão! Talvez mesmo não mintamos, avançando que mais de um organometologo, ministro talvez, tenha procurado ouvir seus sabios conselhos. A senatatz das suas opiniões faz lembrar os juizos do velho Salomão da historia.

A prejudicar um tão extraordinario merecimento, tem apenas o sr. Campos uma tão prejudicial quanto invenivel modestia, prejudicial para si e para o proprio paiz! E enorme o seu horror a tudo o que possa parecer affecto, a simular ostentacão e charlatanismo. O sr. Campos é o verdadeiro homem de bem vindo á luz de publicidade, por nunca se julgar por um orgão, por vezes, com insistente trabalho, demovel o de tão arrejado proposito, o sr. Frederico Ossu, actual sub-director, outro apaixonado pelo observatorio, e vivo retrato moral do seu illustre paiz; mas que trabalho!...

E nós não recamos de ferir a sua grande modestia, fazendo-lhe esta verdadeira traição... porque a despeito de seus desejos da obscuridade, temos como certo que será um crime de leso-paiz, não mostrar à nação

## As festas Garretteanas—No Porto



Aspecto da Avenida durante a batalha das Flores

o sr. Campos Rodrigues, do alto do seu valimento. Fazer temos que a nossa pena seja tão impropria para conseguir tudo quanto desejarmos!

E' pobre de distincções, pobre relativamente, dizemos; além da nomeação de socio effectivo da Academia das Sciencias, nomeação que accellou muito contrafeito, por não se julgar á altura de tão digna corporação, é grande official de Aviz por serviços distinctos, o que recebeu com reluctancia! Tal é a feição excessiva do seu caracter!

Mas as maiores distincções devem ser, a nosso ver, para este nosso illustre compatriota, o apreço sincero em que o tem, não só os astrónomos estrangeiros, como também todos aquelles que tem lido a felicidade de o considerar como mestre ou amigo, que ama e a mesma cousa é: Campos Rodrigues é um exemplo a seguir, é um benemerito portuguez, deve ser profundamente respeitado pela nação que se honra de o ter por filho. Campos Rodrigues tem já logar selecto nos annaes da marinha portugueza, é um vulto notavel da sciencia, é uma verdadeira gloria nacional! Dignos isto bem alto, porque dizem assim é só fazer justiça!

H. DE LAGERDA.

## As mulheres da India Portugueza

(Excerpto)

Uma das causas que mais contribuíram por certo para dar á vida dos portuguezes em Goa este cunho de rude devassidão foi a quasi completa ausencia de senhoras. Digo de senhoras, e não de mulheres. Raros foram os governadores e fidalgos, que n'aquelles primeiros tempos levaram para a India as suas familias. Podemos citar Jorge Cabral, o qual na capitania de Bapaim, e depois no governo geral da India, esteve acompanhado por sua legitima mulher, D. Lucrecia Borges. Podemos ainda citar o velho governador Garcia de Sá, o qual tinha consigo duas filhas, que legitimara casando com uma senhora D. Catharina, com quem vivera muitos annos. Estas casaram depois em Goa, uma com D. Anão de Noronha, a outra com Manuel de Sousa de Sepulveda, que foi aquella D. Leonor tão celebre pela sua horrivel morte nos areias africanas, e tão cantada pelos poetas, aquella cujos:

... crystalinos membros e preclaros  
A' calma, ao frio, ao ar verão despidos.  
Depois de ter pisado longamente.  
Go os delicados pés a'areia ardente.

Estes casos, e outros analogos, constituíam, porém, puras e raras excepções. Em regra os fidalgos, se eram casados, deixavam no reino as suas mulheres e familias, e viviam em

Goa n'uma liberdade amplissima. Havia na verdade ali os moradores ou casados, os quaes, como vimos no capitulo anterior e como o seu nome indica, estavam definitivamente estabelecidos na cidade, com suas familias e legitimas mulheres; mas estas, pela maior parte de sangue indiano ou mesclado, vivendo encerradas, não formavam um elemento de sociedade, nem coisa que com isso se parecesse.

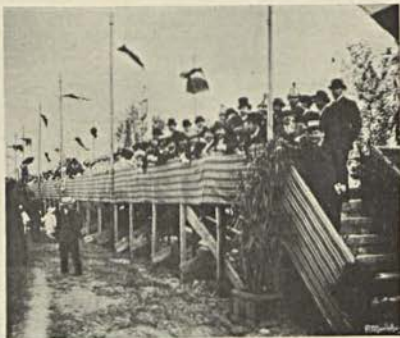
O viajante flamengo, J. Houghens van Linschoten, que tenho citado varias vezes, e que já mais no fim do seculo viveu em Goa, para onde viera com o arcebispo D. fr. Vicente da Fonseca, dá d'estas mulheres casadas e da sua honestidade as mais desfavoraveis noticias. Segundo elle diz, quasi todas tinham um ou mais amantes, escolhidos entre os soldados rufões e desordeiros. Estreitamente vigiadas pelos maridos, recorriam ao uso da *datura* ou de outras drogas para os embriagarem, e obterem assim algumas horas de liberdade. Linschoten chega mesmo a apontar uma singular razão de não existirem na India conventos de freiras, a qual citarei nas proprias palavras da versão latina da sua obra: «*Virginum autem claustris caret. Quis enim castitate foeminas Indiae persuadet?*» Outro viajante bem conhecido, Augusto Pyrad de Laval, que ali esteve logo no principio do seculo seguinte, confirma nos principaes traços estas informações de Linschoten.

Em honra das damas de Goa, devemos admitir que Linschoten e Pyrad se enganaram, que na sua qualidade de estrangeiros não poderam penetrar profundamente na sociedade, que tomaram por um facto geral alguns escandalos excepcionaes, que confundiram com mulheres casadas algumas mestiças de vida livre e posição irregular. E' forçoso confessar, porém, que certas casadas indianas ou mestiças absolutamente ignorantes, vivendo na ociosidade a mais completa, rodeadas de escravidão n'uma atmosfera fechada e desmoralisadora de harem, semi-nuas, sem meias, vestidas apenas nos seus *bajus* transparentes e nas suas faxas bordadas enroladas a modo de saias, comendo mangas de *achar* e outros acepipes apimentados da cosinha oriental, mascarando *belle*, conservando os costumes e os preconceitos da sua raça, não deviam ter uma idéa nem muito clara, nem muito elevada, dos deveres conjugaes, e bem necessitavam ser fechadas a sete chaves.

Mesmo entre as portuguezas, se algumas ou a maior parte conservavam ali a honestidade e as virtudes domesticas que as distinguiram na patria, outras tinham



Carro esfeitado do ex.º sr. Manoel Reis



Os Palanques



Outro aspecto da Avenida

precedentes que por certo não garantiam a pureza dos seus costumes. Como specimen da vida aventureira que então levavam algumas das nossas compatriotas, contarei a historia de uma d'ellas. Correndo



o anno de 1523, voltava de Mascate para a Índia o governador D. Duarte de Menezes com a armada, que elle pelos seus detestáveis exemplos convertera em uma esquadriha de piratas. O capitão de uma das galés, Bastião de Noronha, deixou-se ficar atraz para vêr se podia tomar alguma preza. Topou effectivamente uma nau de mouros, e abalroou-a; mas sahio se mal da empreza, porque em logar de tomar a nau, foram os mouros que lhe tomaram a galé, ma-

se fazia passar por zeloso e fiel catholico. Ajudado pelo capitão portuguez pôde fugir para Goa; e quando Nuno da Cunha mandou Simão Ferreira e Diogo de Mesquita a Bahádur Shah, como contámos no capitulo IV, mandou com elles João de Santiago, na qualidade de interprete. Repetiu se aqui a mesma scena, ganhando elle em breve tempo as boas graças do phantastico e caprichoso Bahádur, o qual o pediu a Nuno da Cunha e o trouxe depois sempre consigo. Foi então que João de Santiago travou relações com a *marqueza*, e conseguiu agradar-lhe, apesar de ser pequeno e feio, e algum tanto leproso, vindo a final a casar com ella. No dia da morte de Bahádur, João de Santiago foi também morto ás lançadas e ás pauladas pelos soldados portuguezes. A *marqueza* ficava viuva pela segunda ou decima vez, e passado pouco tempo foi resgatada em uma troca de captivos, e veio para Goa. Aqui encontrou um piloto portuguez, chamado João Farinha, que passou uma esponja sobre o passado e quiz casar com ella. Viveram, ao que parece, tranquillamente em Goa durante algum tempo, e vieram depois juntos para Lisboa.

Difficilmente poderíamos citar segundo exemplo de tão complicadas aventuras; mas com difficuldade encontraríamos noticia de outras portuguezas de vida airada, que então passaram á India. Na nau S. Pedro, em que fez viagem o famoso padre jesuita Gaspar Barzeo, não deviam, em regra, contribuir para firmar a moralidade das familias. Em todo o caso, as *casadas*, mais ou menos honestas, mas zelosamente guardadas pelos maridos, viviam encerradas. Apenas iam ás missas e festas de egreja nos seus palanquins fechados, uma ou outra vez merendando em hortas com pessoas de muita intimidade, e estavam portanto separadas da grande e buliçosa sociedade masculina dos fidalgos e soldados.



Carro allegorico ao balho Santos Unmol, apre sentado pela familia Lotte.



Carro enfileado do ex.<sup>mo</sup> sr. Antonio Serpa Pinto, filho.

tando-o a elle e aos soldados portuguezes que com elle estavam. Na galé vinha tambem uma portugueza, galante e de bom parecer, que falava correntemente o castelhano, e dava pela alcunha da *marqueza*. Como ella ali estava não sei em; mas da sua presenca na armada, da sua alcunha, e do seu conhecimento de uma lingua, que de certo não aprendera no convento, podemos inferir que o seu passado não deveria ser muito orthodoxo. Levada agora para Diu, andou por lá metidida com diversos, sem contudo abjurar a sua religião, até que ali veio parar um certo Brigas, typo curioso de aventureiro. Estevão Dias Brigas era um piloto portuguez, que se passara para França, d'onde veio no anno do 1528, commandando um navio de piratas francezes. O navio chegou a Diu só com quarenta e oito homens de guarnição, gente, ao que parece, *de sac é de corde*, «rotos e sujos, bargantes que andavam arruando as ruas, e se metiam nas tabernas a beber vinho.» Os mouros tomaram com a maior facilidade o navio e aprisionaram o Brigas e a sua guarnição. Tanto elle como os francezes tinham pouca vocação para martyres, e sem grande escrupulo se fizeram musulmanos, para escaparem á morte. O Brigas chegou ao gozar de algum favor junto do rei do Guzarate, o qual lhe deu soldo e o casou com a *marqueza*, vivendo este par em boa harmonia durante algum tempo. Depois o Brigas morreu, e a *marqueza* foi parar ao harem de Bahádur Shah. No anno de 1533, por occasião dos regosijos e festas que tiveram logar depois da tomada de Mandú, ainda ali estava, pois sabemos que foi então posta em liberdade com outras escravas e concubinas do Shah. Não sei o que fez nos dois annos seguintes, até que em 1535 veio para Diu João de Santiago, um typo bem mais interessante do que o Brigas. Era este Santiago um arabe kabyla da Africa septentrional, que sendo rapazito, fora aprisionado em uma gazua — *razzia* lhe chamariam hoje — dos portuguezes. Trazido para Lisboa, foi baptisado e vendido a um calafate o qual, passados annos, o levou consigo para Goa. O rapaz era esportissimo, não se esqueceu do seu arabe, aprendeu portuguez, depois em Goa começou tambem a falar as linguas da India. Quando o calafate morreu, deixando-lhe um pequeno pecunio, partiu para o Canará a fim de negociar em pedras preciosas; e taes habilidades teve, refalando admiravelmente a lingua, e fingindo-se zeloso secretario da religião brahmanica, que ao cabo de algum tempo era o principal valido do raja. Pouco depois, porém, havia feito tantas tropelias que teve de fugir para escapar á morte, e foi parar a Hormuz, com o mesmo zelo com que no Canará frequentava os pagodes, adquirindo grande influencia sobre o rei. Mas taes desordens e roubos praticou que o rei o mandou matar, valendo-lhe então Diogo de Mello, junto de quem



Bicicleta do ex.<sup>mo</sup> sr. Pedro Bandeira, armada em Pavão



As escravas eram numerosíssimas, negras de Moçambique, dravidas retintas do Malabar, indianas mais claras do centro ou do norte, malays, javanezas e outras. E entre as indianas e malabares, muitas eram graciosas, com os seus grandes olhos de velludo preto, a sua pelle cobreada e fina, os seus longos cabellos corredios, as suas cintas flexiveis e quebradas. Estas escravas vendiam-se publicamente, nos leilões da rua Direita, ou em contractos particulares. As vezes passavam-se escriptos, garantindo as suas qualidades, como hoje se faria para um cavallo. Um honesto cidadão de Goa passava já no fim do seculo XVI o seguinte escripto: «Digo eu Bertholomea Pereira, casado e morador n'esta cydade, que he verdade que eu vendi uma moessa minha por nome Briatiz, da casta Comorby, com todas boas manhas, e sam donzella, e sabe lavar todo o lavor...». Como se vê, a pobre Beatriz, que assim mudava de dono, era uma perfeição. Pois d'estas escravas, geitosas, «com boas manhas», muitos cidadãos tinham cinco e seis de portas a dentro — um verdadeiro harem. Outras, porém, sniam pela cidade, vendero pelas ruas ou nos bazares, bem ataviadas com os seus oiros e as suas manilhas, muito accessiveis a proposições de toda a especie. Eram todavia obrigadas a trazer a seus amos o producto dos seus ganhos licitos e illicitos, de que alguns d'elles viviam. Esta pratica repugnantissima, apontada por Pyrad de Laval, é confirmada pelo testemunho do padre Francisco de Sousa no seu *Oriente conquistado*, de modo que difficilmente podemos duvidar da sua existencia.

Além das escravas, havia as mulheres livres solteiras, desde as pobres canrins do povo nas suas casitas terras, até ás malabares e mestiças, ricas e elegantes, correspondendo ás *grandes horizontaes* do Paris moderno.

Referindo-se ao tempo de Afonso de Albuquerque, já Gaspar Corrêa dizia: «Erão todas as mulheres solteiras muyto ricas, mormente as malabares, que erão mais conversaveis... n'este anno (1513) valião as suas fazendas passante de cincoenta mil cruzados, e seu cabedal eram pannos brancos e de seda, e o mais era ouro em cadeas e manilhas: porque havia mulher que hia á igreja e levava trez e quatro escravas carregadas d'ouro». Depois o seu luxo ainda augmentou, e atravessavam as ruas em palanquins fechados, com as suas mantas na cabeça, seguidas pelas escravas a pé, como qualquer dama nobre. Chegaram as cousas a ponto que o grave e austero vice-rei D. Pedro Mascarenhas tentou atalhar o escandalo, prohibindo «que nenhuma mulher publica andasse em palanquin, se não descoberta.»

O nosso Garcia da Orta faz-nos penetrar na intimidade de uma d'essas *coquettes* de Goa. Era uma mestiça chamada Paula de Andrade, que vivia na sua casa, ao que parece ricamente mobilada, servida por uma criada avisada e bem falante, como cumpria a uma *soubrette* d'aquelle mundo. Tinha além d'isso varias negras escravas, cujo moralidade deixava naturalmente muito a desejar. Uma d'estas havia-lhe dado *datura*, para depois lhe roubar as joias, e fugir a seu salvo com um negro; e isto reclamara a intervenção profissional de Garcia da Orta.

Não ha duvida que a convivencia com estas «perrinhas malabares» podia ser agradável. Algumas eram muito bonitas, com toda a languidez ardente dos tropicos; e sobre isso esculpulosamente cuidadas, tomando banhos a miudo e perfumando-se com «sandalo branquo, aloes, canfor, almizcar e açafam, tudo miudo e delido em agua rosada.» Podiam mesmo fazer excellente companhia, pois eram «conversaveis», apesar do seu mau portuguez, d'aquella «linguagem meada de hervilhaca» que tanto offendia Camões; e eram prendadas,

tocando e dançando com muita graça. E' certo, todavia, que n'estes encontros fortuitos, n'estas ligações transitorias unicamente falavam os sentidos. Tudo quanto pode haver de sadio para o espirito na convivencia com a mulher que partilha o nosso modo de pensar ou de sentir, era ali desconhecido. E Goa, com os seus bandos de escravas semi-nuas, com as suas mestiças lascivas e opulentas, com a sua atmosphera de perfumes fortes, devia por vezes tomar o aspecto duvidoso de uma casa suspecta.

A esta vida devassa alliamos os portuguezes todas as praticas de um catholicismo ardente, e as mais das vezes perfeitamente sincero. Como já indiquei no capitulo antecedente, as festas na Sé ou nos conventos, as procissões, as romarias ás ermidas da ilha nos dias dos seus oragos, vinham cortar a vida um tanto monotona da cidade oriental. N'esses dias, as senhoras cadabras largavam os *bajus*, vestiam-se á portugueza com suas joias e pedrarias, e nos palanquins fechados, seguidas pela comitiva de escravas, iam gravemente tomar o seu logar nas egrejas. Em certas occasiões mais sollemnes, toda a cidade se alvorotava. Assim succedeu quando na nau *Gallega* veio a cabeça de Santa Geracina, da casa de onze mil virgens, e as communiidades de S. Francisco e de S. Domingos com todos os jesuitas de S. Paulo a levaram em solemne procissão. Só faltavam no preito as dignidades da Sé, e as collegiadas das parochias, por certas «competencias» que se levantaram entre frades e padres. Assim succedeu tambem quando o rija de Tanor veio a Goa fazer profissão de catholico, no meio de apparatusas cerimoniaes religiosas, e do concurso de todo o povo.

CONDE DE FICALHO.



Onde tu passas o ar se doura! Os montes  
De vêr-te os olhos verdes, reverdecem!  
E as puras aguas crystalinas desceem,  
Só para vêr-te, das musgasas fontes!

O mesmo ar te namora! Os horizontes  
Que na poeira do sol desapparecem,  
Chamam por ti de longe e te offerecem  
As azas d'ouro, com que ao ir, te aprontes.

Namora-se de vêr-te a rocha agreste,  
As estrellas, o ar, a terra dura,  
E só por meu amor do ceu desceste!

Por mim, misero humano, lama escura,  
Triste sombra mortal, que tu pedeste  
Prender nas tuas mãos de prata pura!

Julio Dantas.



Conde de Villar Secco  
Novo Par do Reino de nomeação regia



Eduardo de Serpa Pimentel  
Novo Par do Reino de nomeação regia

# Milagre ou crime?



A velha e roida chronica dos bons tempos da Santa Inquisição deparamos um caso que com toda a fidelidade vamos transmitir aos nossos leitores, deixando por inteiro ao chronista a responsabilidade das suas affirmações.

A acção começa em sumptuoso e severo templo catholico, elegante mostra da arte gothica e insigne baluarte da fé religiosa de nossos maiores, assentado em formosissima cidade, em o côrte das Hespanhas.

Era a hora do crepusculo vespertino, o uma especie de sacristão, que tinha mais de guerreiro que de eclesiastico, e acaso participaria das duas hierarchias, couva frequentissima n'aquelles tempos, occupava-se em apagar as luzes e dispunha-se a fechar a casa do Senhor, onde acabava de celebrar-se magnifica e esplendida festa religiosa.

Prestes a terminar as suas obrigações d'aquelle dia, topos, mui perto já da porta do templo, com um homem que, embaçado em uma comprida capa, diligenciando occultar o rosto e andando cautelosamente, parecia querer ganhar a sahida sem ser visto de ninguém.

Esta suspeita, concebida no primeiro momento, confirmou-se no animo do guardião ao vêr o brusco movimento de indecisão do desconhecido, o qual, por alguns segundos, fluctuou entre seguir o seu caminho ou voltar atrás, notando-se-lhe ao mesmo tempo nas feições, vistas pelo repentino cair do embaço, a surpresa, o temor e o sobresalto.

O guardião que, ao que parece, era homem impetuoso, lançou-se logo sobre o que lhe cheirou a inimigo, proferindo palavras fórte de logar em logar tão sagrado, e agarrou-o violentamente. O agredido não tinha resistencia oppoz, ou porque a julgasse inutil, ou porque não entrasse em seus planos, e isto é o mais provavel, porque lh'o não permitisse a força herculea do seu contrario.

Quão não seria o espanto, ou antes a indignação do piedoso funcionario, ao vêr que debaixo da capa levava aquelle homem quasi todas as riquissimas joias da Senhora do Amparo, uma das mais primorosas e principaes imagens do templo!

Grandemente teve que violentar os seus naturaes instinctos para não castigar pela propria mão, e como o merecia, tão sacrilego criminoso. Houve de contentar-se com sepulchral em profundo calabouço, dando immediatamente conhecimento do facto aos seus superiores.

O auctor de tão tremendo e sacrilego delicto estava de antemão julgado. Não obstante, e por mera formalidade, reuniu-se o tribunal correspondente, e como o leitor não comprehendêr a totalidade se compuz de respeitaveis membros da Igreja, não só pela grandissima preponderancia que o clero tinha n'aquelles tempos, mas tambem, e principalmente, por se tratar de um crime perpetrado na sua sagrada jurisdicção.

Reunido o tribunal, e após curtissima deliberação, compareceu o réo.

O presidente (chamemos-lhe assim), que era um conego de grande erudição e notoria sabedoria, sem olhar para o delinquento, e com voz extremamente aspera, fez-lhe a seguinte pergunta:

«Confessais ter roubado á Purissima Virgem Nossa Senhora do Amparo as suas joias mais ricas e preciosas?»

O interrogado respondeu:

«Se o sabio e magnanimo tribunal aqui reunido se digna ouvir-me por alguns momentos, não só justificarei a minha innocencia, senão que da prova resultará grande proveito para a nossa santa religião.»

Leve pausa. Os membros do conselho olharam-se com espanto e o presidente, como uma creança que se diverte com um ratinho preso, disse:

«Falaí, mas pouco.»

O réo, com toda a serenidade, exprimiu-se n'estes termos:

«Achando-me em grande tribulação pela absoluta falta de recursos para attender ás minhas necessidades, creio, desde o momento fervoroso e devoto amantissimo da excoela Virgem Nossa Senhora do Amparo, prostrado ante a sua imagem sublime, contei-lhe as minhas acerbas cuitas, pedindo-lhe, como era natural, que meus males remediasse. Ao terminar a prece, imagine-se o meu assombro! vejo a Mãe Santissima espontaneamente, sem duvida, compadecida dos meus infortunios, ir largando uma a uma as joias que me encontraram... e me pertencem legitimamente, creio, desde o momento em que a divina imagem m'as deu por sua livre vontade.»

Nova pausa. Os respeitaveis sacerdotes tornaram a olhar-se com maior pasmo que da primeira vez, o presidente abriu desmesuradamente os olhos e, passados momentos de hesitação, ordenou que levassem o réo enquanto o tribunal delibera.

Ao chegar a esta passagem da chronica, os ratos por um lado e a prudencia do chronista por outro, deixaram quasi no mysterio o luminoso e que luminoso nevava ten por sua livre importancia do assumpto; pois, necessariamente, vieram a terreno os mais intrincados problemas da theologia.

Decorridas duas horas, proximoamente, voltou o réo á presença do tribunal.

O presidente tornou a dirigir-lhe a palavra, não com a aspeza que a principio empregara:

«É possível, disse, tudo que contastes; mais que possível; é certo, certissimo! e vamos pôr-vos em liberdade, restituindo-vos as joias que a Santissima Virgem espontaneamente vos entregou. O que vos succedeu é um milagre manifesto, e assim cumpre-vos contal-o a toda a gente. Nós, por nossa parte, dar-lhe-emos a devida publicidade... E está concluido este negocio. Mas uma advertencia vos faço: o tribunal prohibe-vos em absoluto que d'esta hora em diante acceiteis presente, grande ou pequeno, d'essa excoela Senhora ou de outro qualquer individuo da côrte celestial. De contrario sereis queimado vivo. Tomai as joias. Podeis retirar-vos.»

Excusado é dizer que o protegido da Senhora do Amparo não correu, voou da sala para fóra, e que a noticia do milagre se divulgou, e ninguém se atreveu a pô-la em duvida; affirma-o a chronica.

FRANCISCO DE ALMEIDA.

## Carreira da vida...

Na marcha da vida  
Que vae a voar,  
Por esta descida  
Caminho do mar,

Caminho da morte  
Que me há de arrancar  
O grito mais forte  
Que eu possa exalar;

O si da partida  
Da patria, do lar,  
Dos meus e da vida,  
Da terra e do ar...

Já perto da onda  
Que me há de tragar,  
Embora se escondia  
No fundo do mar;

— De noite e de dia,  
Me alveja no ar  
O fumo que eu via  
Sabir do meu lar!

Que sonhos dourados  
Me estão a lembrar!  
Mas, tempos passados  
Não podem voltar!

Carreira da vida  
Que vae a voar,  
Por esta descida  
Vae mais devagar,

Que vou d'este mundo  
Talvez descaçar,  
E nunca do fundo  
Dos mares voltar.

João de Deus.

## Uma pedrada

Comovava a escurrecer. As ruas da cidade formigavam de gente. Algumas lojas que costumavam ficar abertas de noite estavam em grande parte já fechadas, e as outras iam-se fechar a pouco e pouco.

Por toda a parte, nas encruzilhadas, nas praças, deante dos cafés, nos degraus das igrejas, viam-se agrupamentos de homens e de rapazes, que falavam uns com os outros em voz baixa e excitada, voltando-se de vez em quando para vir se em torno d'elles estaria alguma cara suspeita a escutar. Era um continuo sair de gente das casas para a rua; paravam um momento á porta, olhavam para a direita e para a esquerda como que incertos para onde se haviam de dirigir, e depois internavam-se na multidão. No sussurro da turba, se hem que mais denso e mais estrondoso do que o costume, sentia-se um não sei que de submisso e de acanhado.

De quando em quando, um grupo de pessoas atravessava a rua com passo apressado, e atraz d'ellas um longo sequido de garotos que abriam caminho entre essa gente aos marcos e aos encontros, saltando gritos e assobios agudos. A qualquer voz que se ouvia um pouco distintamente atravez do sussurro geral, muitos paravam e voltavam-se para traz perguntando o que era. Era um tinha dito uma palavra mais forte do que as outras, e mais nada: depois de todos terem olhado para elle e d'elle ter olhado para todos, cada um continuava o seu caminho. D'alli a um momento ouvia-se uma grande pancada d'um lado da rua: todos se voltavam para quella lado? — Que é? Que foi? Que aconteceu? — Era um lojista que tinha fechado e trancado a porta da loja.

As carruagens passavam de vagar, e os cocheiros pediam que lhes abrissem caminho com um sorriso desusadamente amavel e um aceno de chicote desusadamente gracioso.

Nas esquinas, ao claro dos candieiros, viam-se alguns pobres vendedores de jornaes assaltados ao mesmo tempo por dez pessoas, que estendendo o dinheiro com uma das mãos apanhavam com a outra a folha



enfiada, e se retiravam depois para um canto, desdobravam-n'a á pressa e procuravam evidentemente se n'ella havia noticia d'alguma grande coisa. Um ou outro traseute parava e fazia grupo em volta do possuidor do jornal; este lia em voz baixa, os outros escutavam-n'o com attenção.

De repente, vê-se correr toda a gente para a embocadura d'uma rua, onde se faz de subito um grande apertão, uma grande gritaria, um grande rebolico; por cima das cabeças vêem-se quatro ou cinco cranios de espingarda movendo-se para um e outro lado, ouve-se uma salva de palmas, a multidão ondula, recua, abre-se para um lado; apparecem a correr á desfilada quatro ou cinco figuras sinistras com uma espingarda nas mãos, dão uma vista d'olhos em torno com ares de triumpho, enfiam por uma travessa e pernas para que tem aereo. Um enxame de garotos, berrando e assobiando, segue-os. — Que é? Que acontece? — Não foi nada, não foi nada; conseguiram desarmar uma patrulha da guarda nacional. D'alli a um momento, a multidão abre-se d'outro lado, e apparecem quatro ou cinco desgrenhados, com o rosto pallido, a cabeça descoberta, de cabellos desgrenhados, os collarinhos e os faldos rasgados e descompostos, em volta d'elles levanta-se um murmuro de compaixão; um compassivo pega-lhe pelo braço, condul-os para fora do apertão, e acompanhando-os a casa exhortando-os com palavras e gestos a terem coragem.

Entretanto entre o povo levantou-se uma viva agitação, um rebolico convulso, um borborinho de ensurdecer. — Arreda! arreda! — grita-se de repente de um lado e outro lado, ouve-se um palloio alli! — Que é? Que é? Que acontece? — Arreda! arreda! — A multidão divide-se, recua rapidamente, faz alas aos lados da rua, e uma companhia de bersaglieri atravessa-a a passo de carga. Um bando de garotos esfarrapados e fazendo grande gritaria vae-lhe no encalço. A multidão torna-se a unir.

De subito levantava-se n'outro ponto um rumor confuso de muitas vozes encolerizadas e ameaçadoras; corre toda a gente e apinha-se n'aquelle ponto; por cima das cabeças vêem-se duas ou tres vezes apparecer e desaparecer duas barretinas de carabineiros, depois estoura um trovão de applausos, a multidão abre-se, apparece correndo um homem arqueante e enfiado, abrem-lhe o caminho, desaparece.

— Queriam-lhe pôr as algemas — murmura algemem n'um tom de viva satisfação — mas não o conseguiram; metteu-se no meio gente valente. Oh! vamos vê-la honita!

A multidão continua vagarosamente n'uma direcção, e chega a uma esquina da rua; a uma ponta d'anciança, a gente que vae na frente praça, a que vem na reatguardia cabe-lhe em cima, aquella retroceda alguns passos, esta é empurrada violentamente para traz; depois torna a empurrar e a retroceder, e d'aqui se origina uma enorme burlardia.

— Que é? Que é que impede de andar para deante? Adeante, adeante.

— Isso é facil de dizer! Está alli uma companhia de soldados de bayoneta armada e que impede a passagem.

Ouve-se então borborinho, assoiões, pragas, imprecações. — Abaixa os apertões. — Não queremos preferencias, abaixo as espingardas — fóra d'aqui. — D'ahi a um momento a multidão volta as costas aos soldados, desata a fugir precipitadamente, deixando o chão atulhado de pessoas cahidas, e invade em menos d'um momento as ruas lateraes, os cafés, os vestibulos e os pateos das casas proximas. Os soldados tinham caído bayoneta.

Arreda! Arreda! — ouve-se berrar d'outro lado. D'uma das ruas lateraes ouve-se um estrepito de cavallos e um temir d'espadas; é um esquadrão de cavallaria que avança; vêem-se luzir os primeiros elmos; uma onda de cavallos rompe a multidão, que se lança para a direita e para a esquerda contra as paredes das casas; o esquadrão passa no meio d'um silencio profundo; quando tinha quasi passado, levantam-se aqui e acolá alguns assoiões e alguns gritos; — já passou, — herros, assoiões, impremios e uma chuva de talos de couve e de cascas de limão sobre os ultimos cavallos. O esquadrão faz alto, os ultimos cavallos retrocedem uns poucos de passos, a multidão volta costas e foge a seto pés.

Da encruzilhada mais proxima sente-se de repente uma explosão furiosa de pragas, um bater de bengalas, um grito agudo, um gongido rouco, depois um longo borborinho, e depois um silencio medroso. — Que aconteceu? Que foi? Não foi nada; apunhalaram a guarda da segurança publica.

A multidão retira-se para a direita e para a esquerda, e um carabineiro, com a cabeça descoberta e com ambas as mãos nos cabellos, atravessa a rua fazendo zig-zagues como um bebede. — Que foi? Que foi? Que fizeram? — Deram-lhe uma bordoadia na cabeça. — Vamos para a praça! vamos para a praça — grita de repente uma voz forte. — Para a praça! respondem concordando de todos os lados. E a multidão irrompe tumultuosamente nas ruas mais proximas, e dirige-se para a praça.

Tudo isto acontecia ha muitos annos n'uma das principaes cidades da Italia, enquanto n'uma rua proxima do centro do tumulto passava uma força de oito soldados, com um cabo e um sargento, para ir render uma outra força, que estava de guarda a um edificio publico, n'uma praça proxima. A força marchava devagar, e os soldados olhavam curiosamente para um e outro lado. Instantemente aquelle rua parecia mais viva do que n'outras partes a effervescencia dos animos e mais resolutos os modos do povo.

A patrulha passou proximo d'um denso agrupamento de pessoas, d'essas que vêm á rua apenas n'esses certos dias, as quaes, de aspecto carrancudo e accos de ira, descorriam com grande burlardia no meio d'um circulo de mandrâns, em volta dos quaes se apinhava grande numero de garotos.

Um dos do grupo vá a patrulha, volta-se, e apontando para os soldados, exclama a meia voz: — Olhem para alli.

Todo o grupo se volta para aquella lado, e um atraz dos outros, levantando gradualmente a voz, começam a dizer: — Lá veem elles, cá estão aquelles que não deixam nunca de vir para a rua quando o povo quer fazer valer as suas razões. — Para elles a rua não se corrompe da espingarda. — As bayonetas só serrem para furar á barriga aquelles que tem fome. — A elles não lhes falta a pãpança; que cá a gente morre de

fome, que se importam elles com isso? — Polvora e chumbo para os que tem fome!

Os soldados afastavam-se sem se voltarem para traz. O grupo pôe-se em movimento e, precedido por uma guarda avançada de garotos, segue-os. N'um momento chegam ao pé d'elles, e acompanham-n'os a alguns passos de distancia.

Os soldados continuavam a marchar sem voltarem a cara. Um dos do grupo começa a tossir, outro espirra, um terceiro tosse com mais força, um quarto puxa da garganta um grande escarro e, voltando-se para a força, atira-o fora com um grito rouco que termina com uma explosão de gargalhadas estupidias; todos os outros dão palmos. Os garotos assoiavam, berram e, instigados pelos soldados, vão-se aproximando dos soldados.

Estes continuam a marchar sem dar signal de perceberem o que se passa. Aquelles aproximam-se mais ainda e caminham ao lado dos soldados, olhando para elles cara a cara com ar de froça. Um d'elles começa a imitar grotescamente o passo de recruta de escola, imitando com voz nasal: — Um, dois! um, dois! — Outro imita o andamento dos soldados, coxando e curvado ao peso da mochilla. Um terceiro, que vinha atraz d'um dos soldados da reatguardia, agarra na aba do capote do cabo, dá-lhe um puxão e foge. O cabo volta-se e levanta a mão como quem vae dar um bofetão.

— Ehi! ehi! — gritam em volta. — Sempre queríamos vêr isso agora. — N'uma creança, que vergonha! — Já lá vae o tempo dos croatas. — Querem-se agora outros modos, ouviram? — N'uma creança! Experimente outra vez!

Um dos soldados, ao ouvir estas palavras, morde-se n'um dente, cravando os dentes profundamente, e solta um gongido de raiva. Nesse instante sente que lhe dão na marmitta um murro vigoroso, sobre-lhe o sangue á cabeça, volta-se e dá um socco nas costas do garoto que lhe tinha batido, atirando com elle a alguns passos de distancia.

— Aqui está! aqui está! — brada ameaçadora a multidão. — Vejam estes carcosos! — Corja de croatas! Peiores que os esbirros. — Havemos de lhes dar uma lição, nós, até se damos! — Havemos de t'a fazer pagar, olé, raça de cães! — Prepotentes! — Que vergonha, bater n'uma creança inermes!

E os garotos, affeitos com a ira da multidão e com a certeza da impunidade, andavam mesmo a metter a cabeça entre os soldados, berrando com voz rouca e irada. — Soldado burro. — Bruto esbirro. — Comes o pão do trajoço. — Comiões! — Morram as caras de bofetões.

E a turba em volta: — Que vergonha! Bater n'uma creança inermes! — Velhaos! — dizia entretanto consigo o pobre soldado, mordendo os labios até espirrar sangue. — Velhaos! uma creança inermes! Não sabem que ha palavras que matam? Esbirro! Croata! A mim! a mim! Oh! — E mordia-se outra vez na mão, sacudindo a cabeça com desespero.

Depois de poucos minutos, sempre seguida pelo povo, a força chegava á praça e entrava no seu corpo da guarda, que era uma casa baixa e escura, illuminada por uma lanterna. Foi rapidamente rendida a sentinella que estava á porta do palacio, a uns vinte ou trinta passos da guarda, a força que estava retrou e os recém-chegados pozeram-se a collocar as mochillas na tarimba e a pendurar os bornaes e os cantis nos cabides.

Chegada a uns cincoenta passos do corpo da guarda, a gente que vinha atraz da força parava e d'alli estava provocando os soldados com gestos e palavras de froça, e que estas faziam vista grossa e ouvidos moncos. Vendó que não havia meio de provocar um escandalo, estavam já para se afastarem quando um d'elles reparou que o soldado que estava de sentinella era justamente aquelle tal que ha pouco tinha dado um murro nas costas do garoto. — E' elle mesmo? — E' o proprio.

— Mas devêras? — Se eu lh'o digo, é aquelle mesmo. — Ah! raça de cães, agora vamos-te ajustar as contas. Espera, espera.

E dirigiram-se juntos para a sentinella. A uns trinta passos, pararam, alinharam-se, e puzeram-se a olhar para a sentinella, raiivosos. O soldado lá estava ao lado da guarita, immovel, firme, com a cabeça erguida e com os olhos fitos n'aquellas caras proveedoras que tinham parado na sua frente. De repente destaca-se do grupo um garoto esfarrapado, com o cabelo deitado para a orelha e uma ponta de charuto na bocca, com as mãos mettidas na algeibra, cantarolando com ares de toca, e





vem-se pespegar a uns quinze passos defronte da sentinella, fitando-a cara á cara com um olhar insolente, cruzando os braços e gesticulando todo com uma desprezadora imprudencia.

O soldado olhou para elle.

Então o garoto girou inopinadamente sobre os calcinchaes e voltou-lhe as costas, dando uma grande gargalhada juntamente com os outros, que o estavam a observar instigando-o com gestos a ser atrevido.

O soldado sacudiu duas ou tres vezes a cabeça, morden os labios e

## A flora no Brasil



Uma figueira colossal  
(No Rio Grande do Sul)

soltou um suspiro, batendo repetidamente com os pés no chão como para dizer: — Ah! a paciencia! a paciencia!... é uma coisa bem dura!

O garoto voltou-se outra vez defronte do soldado e, depois de um momento de hesitação, tirou da boca a ponta do charuto e atirou-lh'a aos pés, recuando uns oito ou dez passos para se pôr em segurança contra um assalto repentino.

O soldado empallideceu e ergueu os olhos ao céu fechando as mãos e rangendo os dentes; começava a ofuscar-se-lhe a razão. — Mas porque me fazem isto? — dizia depois dolorosamente consigo voltando os olhos e virando a cara para aquella gente como se na realidade falasse com elles; — que tem vocês todos comigo? Fiz-lhes porrentra alguma coisa? Eu não lhes fiz nada. E por ter dado um murro n'um garoto? E elle porque é que me veio insultar? quem o tinha provocado? E quem é que se metten com vocês? O que querem de mim? Não offendi ninguém, nem ao menos os conheço; sou um pobre soldado, cumpro o meu dever e estou aqui porque me mandaram. Sim, zombem de mim, assobiem-me, façam bem em tratar os seus soldados d'esse modo... como se fossem banditas!

Neste ponto, um talo de conve atirado com grande violencia rente do chão, saltitando, sibilando, vem-lhe cahir aos pés. — Deus meu! — murmurou elle n'um tom desesperado cobrindo com uma das mãos a cara e inclinando a testa para a outra que tinha apoiada sobre a boca da espingarda. — Eu perco a cabeça! Não posso resistir mais! Faço saltar os miolos com um tiro!

— Mas então é inútil, acrescentou depois de alguns momentos, com voz suffocada e tremula; é inútil que nós façam trazer isto... — e deu uma forte pancada nas duas medallhas que trazia ao peito, fazendo-as bater uma na outra e tinar; — é inútil que se deem medallhas por termos feito a guerra pelo nosso país, se depois nos atiram á cara com pontas de charutos e talos de conve: Ah! querem fazer-me abandonar o meu posto? Querem que eu desobedeça ás ordens dos meus superiores? Ainda que vocês fossem cincoenta ou cem, ouvem, não me fariam mexer d'aqui, ainda que me saltassem todos em cima de uma vez; ainda que me estripem como um cão. Venham para cá, velhaços! Não insultem de longe. Sim, sim, bem percebido, desculpem de estar a fazer signaes, sei perfeitamente que tem facas nas algebras, mas vocês não são d'aquelles que as cravam no estomago á luz do dia! Cravam-n as nas costas, de noite... quando...

De repente soltou um grido agudo, deixou cahir a espingarda, cobriu a cara com as mãos, cambalou e cahi nos pés da guarita: tinha apanhado uma pedrada na cabeça.

Accidiram todos os soldados; a multidão dispersou-se e desapareceu; o ferido foi transportado para o corpo da guarita com a cara e o peito ensanguentado, lavaram-lhe depressa a ferida, envolveram-lhe á frente n'um pano, deram-lhe de beber, e fizeram-lhe uma especie de cama em cima da tarimba com as mantas dos outros soldados.

Enquanto todos formam circulo em volta d'elle, e encham-n'o de perguntas e de consolações, e o sargento o censura por não ter pedido socorro logo á primeira insolencia d'aquella gente, entra de repente um official, e atraz d'elle as primeiras filas d'um pelotão de soldados, e no mesmo momento, atirado para a frente por um violento empurrão, salta para o meio da casa um homem com o rosto enfiado, com os cabellos caídos para a testa, com o fado aos

pedaços. Tinham-n'o prendido então n'aquella mesma praça os soldados d'um pelotão que ia passando, e a que elle oppozera uma resistencia vigorosa.

Ao vêr o preso, o soldado ferido saltou da tarimba, deu um pulo para elle, poz-se-lhe defronte cara a cara, fitou-o um momento com os olhos desviados e inflammados em ira, soltou um grido que sahiu truncado e rouco d'entre os dentes que rangiam, deu um passo á rearguarda, e apoiando-se vivamente sobre o pé direito e levantando a mão esquerda com o dedo indicador espetado no rosto d'aquella pessoa que olhava para elle amedrontado: — Ah! é tu! — Errou elle com uma voz que lhe regou o sangue: — Reconheço-te! Chamaste-me esbirro na rua e rachaste-me a cabeça com uma pedra na praça; — ora agora, vras-me pagar tudo! — Dizendo isto, atirou-se a elle, agarron-o pelo pescoço segurando pela jaqueta e pela camisa, pregou-o com um empurrão na parede, levantou um punho nodoso e convulso, e mediu-lhe bem a cabeça com os olhos turvados e sanguineos... Tudo isto se passou n'um relampago; os soldados presentes intervieram, separaram-n'o, dois soldados agarraram e contiveram pelos braços o ferido, um cabo amparou o outro que estava quasi a cahir, e ambos estiveram assim alguns momentos a fitarem-se aniciando e bufando; um pallido de medo, com os braços caídos e a cabeça curvada; o outro com a cara erguida e inflamada, os punhos cerrados e todo o corpo agitado por um tremor violento. Entretanto juntara-se uma multidão de curiosos diante da porta do corpo da guarita.

O official olhou para uns e para outros, e perguntou ao sargento e ao cabo a causa do acontecido. O sargento contou o que sabia.

O official voltou-se então para o preso que estava com o queixo fincado no peito, e no meio d'um silencio profundo, disse com um tom extraordinariamente pacifico:

— Percebo aquella que, d'uma barricada, atira contra um batalhão, com um fim e com uma esperanza, seja ella qual fór; mas o insulto estúpido e inútil contra o soldado inoffensivo, que não tem nem responsabilidade nem direito de se defender, é uma das mais asquerosas patifarias com que se pôde empocalhar um cidadão.

A porta do corpo da guarita sentiu-se, entre a turba um murmúrio de approvação.

— Levem esse homem — acrescentou o official accendendo um charuto á chamma da lanterna.

— E tu, disse depois voltando-se para o soldado ferido, enquanto uma patrulha levava o preso — perdão... e esquece.

O soldado fez signal affirmativo.

— E alegra-te — concluiu o official, mettendo-lhe o charuto na bocca.

— Cá por mim... respondem o soldado mordendo o charuto e apertando-lhe a ponta entre o indicador e o pollegar — estou sempre alegre; mas ha de concordar, senhor tenente, ha cousas que... seccam.

E o drama acabou com uma gargalhada.

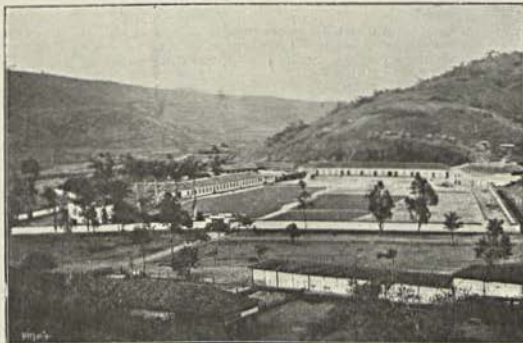
EDMUNDO DE AMEIX.

## Clara de Saulnis

Ainda acredita na felicidade universal, meu caro amigo, e ainda afirma que só é desgraçado quem merece sel-o, como se a perfeita justiça podesse ter curso no nosso planeta?

Ainda sustenta essa ideia? Venha á casa onde aluguei dois quartos, um para mim, outro para os meus livros, e mostrarei nos seus tres andares cinco corações afflictos em que não entra o meu e cujas maldades parecem bem insignificantes.

## A agricultura no Brasil



Uma fazenda de café  
Rio de Janeiro



Em cima uma família de operários laboriosos. Na semana passada as duas crianças acharam-se doentes com uma doença contagiosa e nos primeiros dias viram a mãe azafamada a correr de leito em leito, como um passaro que tem doisinhos a seu cargo.

Depois caiu a mãe de cama também, e o pai que pedira um trabalho suplementar pensando na conta do medico, quebrou uma perna... Que culpa tem elles?

No meu patamar mora uma viuva; tem um filho unico que se en-

zesseis annos, quando um bello dia a chamaram ao locutorio onde seu pae a esperava, para a metter na carruagem, e para a ir apresentar depois a um barão dos seus trinta annos, bello, elegante e amavel, que lhe offereceu, como nas magicas, o anel de ouro dos esponsaes.

O principio d'esse sonho pareceu-lhe encantador, e muito facil de sustentar, mas em menos de oito dias achara-se n'um embarço cruel, e d'esse embarço é que era Clara convidada a tirar a.

Muito cuidadosamente educada pelas boas

religiões, não tinha o conhecimento delicado d'esses usos multiplos que são tão necessarios para uma pessoa se mover n'um certo meio como um signal maçonico para se fazer reconhecer pelos filiados... Sua mãe morrera, havia muito tempo e contudo era necessario que essa menina soubesse como tinha de se dirigir a duquezas e a marquizes de quem ia ser prima por afinidade.

Acabar e principiar uma carta! Agradecer affectuosamente uma attenção! Responder a felicitações!... Escolhos que nos atropelaram a todos e mais ainda a essa pequena desastrada pelo seu nascimento e pela sua mocidade.

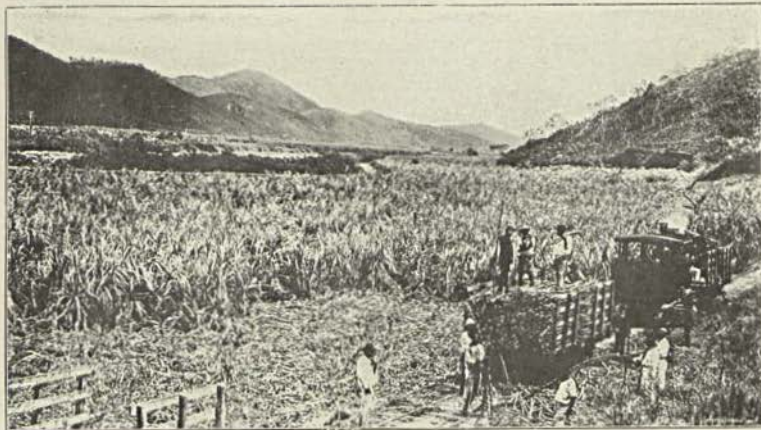
Então o negociante, que sabia que tudo se arranja em Paris até espirito quando se paga bem, reclamará pela voz dos jornaes os serviços de uma pessoa habituada á sociedade, de boa familia, e menina solteira, se fosse possível, dizendo consigo, como

um dilettante ou um naturalista, que podia perfeitamente, a troco do seu dinheiro, arranjar o luxo de impressões fresquinhas e quasi pessoes para encher as cartas que sua filha assignaria.

Para a examinar, pediram a Clara que escrevesse algumas linhas de agradecimento a proposito de uma bilheteira que chegara essa manhã «a decima-quarta que se recebera» acrescentara o pae, e o seu bilheteinho, gentilmente escripto, dizia tão bem tudo o que se devia dizer, principiava e caminhava tão naturalmente falando tanto a proposito nos merecimentos do presente, que foi aceita immediatamente e entrara logo em funcões.

Nos primeiros dias procurara unicamente desenvolver o imbroglho do pensamento da sua discipula, limitando-se a ensinar-lhe as formulas convencionaes, mas á força de correções e de chamadas, as cartas tornavam-se illegiveis.

## A Agricultura no Brasil



Canna de assucar — A colheita

caminha a passos largos para a morte. Trabalha doidamente para metter na cabeça as noções indispensaveis para um exame de que depende o futuro da mãe e do filho. Nada lhe fica, e sempre que volta para casa reprovado, bate com a cabeça nas paredes... Mas que ha de elle fazer?

No primeiro andar mora uma rapariga de vinte annos, que anda amarrada a uma velha caprichosa e doente, que ampara com um dos braços, levando no outro uma sombrinha, dois banquinhos, seis chales, e á trela uma matilha de Kingscharles.

Bonita, orphã e arruinada, é hoje uma d'essas escravas brancas, que essa escravidão tortura no coração e na cabeça pela recordação e pelo futuro.

É justo que uma pobre menina de sociedade perca toda a esperança de futuro, e de lar, sem ter, como um homem, os meios de lutar para o trabalho quotidiano?

É uma valente a menina Clara.

Depois de uma vida suavisissima, acordou achando-se sosinha com uma cama pequena, uma commoda, tres cadeiras, e quarto alugado nas aguas furtadas de um palacio no faubourg St. Germain, sem lenha, com uma bolsa tao magra que só lhe chegava para o alimento indispensavel, tudo isto porque o seu tutor morrera deixando umas contas emburalhadissimas, que ainda assim lhe tinham absorvido tudo!

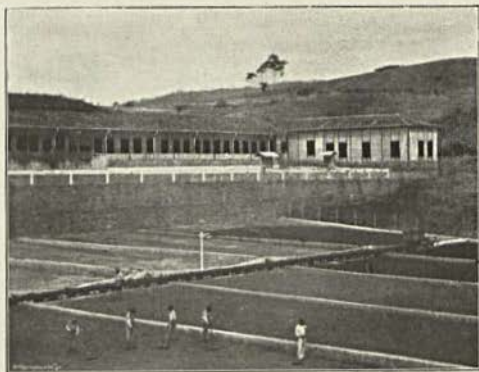
E ainda assim Clara trabalhava corajosamente, procurando que fizesse, divertindo-se até a ver cair a neve dentro do fogão sem lume. A's vezes ouvia a musica de casa da condessa X... que dava reuniões ás quartas feiras, e mirava com prazer as carruagens que chegavam, mas ás vezes tambem as recordações das valsas que dançara no inverno enchiam-n'a de desalento e de pesar, e dizia chorando:

— Oh! meu Deus! conserve-me a saúde para eu trabalhar, mas tire-me das minhas recordações dos vinte annos.

Um dia o infortunio cançou-se de a perseguir, e um annuncio d'um jornal a poz na pista de trabalho desejado. A situação, um tanto extravagante em somma, acceita por Clara, era a seguinte: tratava-se de desempenhar junto de uma menina que estava noiva havia pouco tempo o papel de secretario, ou mais justamente de redactor, para a ajudar a responder ás cartas numerosas que recibia por occasião do seu casamento.

Filha d'um commerciante multissimo rico, Margarida D... acabava a sua educação no Saere Coeur — e acabava de fazer de-

## A Agricultura no Brasil



No terreiro — A secca do café



Então, cançada d'essa breka laboriosa das palavras mais simples, descontente com essas phrases que Margarida parecia tomar gosto em construir desharmoniosamente, Clara pegava na penna e d'esse brocardo deploravel fazia n'um jacto um supposto resumo, em que a idéa primeira, polida e facetada, já se nem conhecia. A joven noiva batia as palmas ouvindo-o, copiava todas essas coisas espirituosas, com a sua letra um pouco machosa, e assignava sem hesitar.

A pouco e pouco esse systema prevaleceu. Apenas chegava, Clara lia o correio como um ministro feminino, sentava-se d' secretária, e, até á hora do almoço, falava a desconhecidas na sua felicidade, nos seus projectos, nos esplendores do seu enxoval, e no seu vestido de noiva. E' uma profusão, escrevia elle, a de todas as joias que affluem, e, seriam necessários bailes de corte para utilizar tantos esplendores.

Imagine nos meus cabellos diamantes que sobem como ramos de flores naturais, gotas de orvalho, que brillham e que tremem como uma verdadeira manha de primavera.

E depois dos presentes, descrevia a mobilia; o seu grande salão á Luiz XIII, os objectos de arte; as vidraças coloridas, as grandes tapeçarias das paredes. Depois ao fundo um maravilhoso jardim de inverno que encheria a casa toda de um perfume de flores.

Depois contava o emprego dos primeiros dias, os projectos de viagem.

Todas essas coisas encantadoras que precedem e acompanham um casamento passavam pela sua penna, poetisando-se com as graças do seu espirito, e tomando um sabor delicioso da sua frescura e da sua distincção nativas.

Sem ter consciencia d'isso, identificava-se com essas coisas, mettendo-se no espirito dos seus personagens, como faz uma actriz em scena. Quando via o céo azul dizia:

— De um tempo assim é que nós precisavamos no dia 4.

Margarida D., mo nova e muito frivola, e de espirito muito acanhado, essa não se importava semão com os vestidos.

Clara, quando fechava os olhos via como que todos os recantos de cada aposento. De um caracter completamente opposto ao da sua joven cliente, reservava todo o seu interesse para a parte do sentimento e da vida intima, pensando n'isso incessantemente, tornando a encontrar os seus sonhos do passado no ponto em que a sua brusca desgraça o suspendera. E isso, junto á idéa pungente do seu isolamento, fazia-lhe dizer ou escrever ás vezes palavras de uma commoção ou de uma ternura tão profunda, quando traduzia as suas proprias sensações para descrever a felicidade d'essa estranha, que Margarida perguntava-lhe um pouco surpreendida:

— Mas aonde vai buscar tudo isso?

— Ao meu coração, podia responder Clara.

Mas limitava-se a atirar para o fogo o papel, replicando:

— Olla que é verdade, nem sei o que escrevo. Também uma decima carta não pôde ter pés nem cabeça. Á manha á faremos.

E, depois quando voltava para casa, pensava em tudo o que vira durante essas tres horas; n'esse empenho que todos tinham em acrescentar algos fins de seda á existencia d'essa menina já tão brilhantemente urdida, e sobretudo n'esses longos ramos de lilaz branco que estavam ao pé do sitio onde ella escrevia, e cuja frescura e cujo perfume imperceptivel lhe pareciam deliciosos.

O seu caracter elevado e generoso defendia-se contra qualquer inveja vulgar, mas era impossivel não estabelecer o parallello. Tanto superfluo de um lado, tantas privações do outro! Ella ainda assim tinha mais fome de um sorriso que de uma joia; sonhava com um desses brancos ramalhetes, que ella bem desejaría que fossem seus, e depois n'essa affeição conjugal, n'essa força e n'esse vigor que protegem uma mulher! Parecia-lhe que levantar os olhos para a figura amada, mais alta e mais resoluta era o mais encantador movimento da adoração. Irritava-a pensar que d'essa felicidade só a separava uma questão de dinheiro! Não a illudia a hypothese de uma paixão que poderia de subito inspirar!... Sabia que o paraizo terrestre é um jardim das Hesperides onde ha frutas de ouro, e que portanto não podia lá penetrar quem não possuisse essa maravilhosa fruta.

Uma manha, quando ella ia sair, Margarida fel-a parar.

— Está fazendo todos os dias o retrato de meu marido e ainda o não viu. Espere aqui dez minutos, eu deixo o repositero levantado, podeo ver entrar.

Nem sequer era uma apresentação e Clara, que adivinhava o motivo, sorria-se com ironia olhando para as cartas espalhadas por cima da secretaria. Um pouco indecisa, um pouco descontente, deixou-se vencer pela curiosidade, e, antes de tomar uma resolução, abriu-se a porta da sala que ella via de longe e entrou um rapaz magro e elegante.

— Não vindo como de costume seu sogro:

— Sôsinha! disse elle encantado; e ao mesmo tempo com a rapidez de um homem muito resolvido á aproveitar a occasião, agarrava nas mãos da sua noiva e comecaria á beijal-as, quando ella assustada lhe mostrou a porta com um gesto.

— Seu paé? perguntára elle á meia voz.

E, como ella movêra negativamente a cabeça, elle tornára a comecar a sua viva demonstração, e com grande ardor... Clara havia muito que fugira.

No dia seguinte encontrou Margarida agitada, ansiosa, que a interrompeu assim que ella pegou na penna. Tratava-se de coisa muito mais seria. O barão partiria na vespera á noite, e era necessario responder á carta matinal que lá d'elle se recebera. E, como Clara se levantava, estendendo-lhe a penna.

— Não, não, bradou ella. Hade ser a Clara, como de costume. Era sem exemplo esta correspondencia de noivos feita por uma terceira pessoa! Clara recusava obstinadamente a incumbencia. Margarida que se conhecia e já fizera experiencias epistolares desde pela manha, insistia, chorava até, invocando a opinião de seu paé, e repetindo com um tom mimalho:

— Eu sei lá o que hei de dizer a esse senhor.

— E então eu replicava Clara.

— A Clara é diferente. Faça de conta que está a fazer um thea: Uma carta ao meu noivo. O que escreveria?

O que ella escreveria sabia-o ella perfectamente, e foi talvez a tentação d'esse simulacro que a fez ceder.

Entretanto a ausencia, que primeiro estava para ser apenas de uma semana, prolongou se, e do seu palacete cujos concertos estava viv-giando, o joven barão cada dia ia escrevendo mais demoradamente.

Gostava das respostas que recebia, curtas a maior parte das vezes, mas onde se fazia sentir a invisivel personalidade de um espirito delicado. A pouco e pouco ia entrando em assumptos mais variados, en-



Alvaro Machado

Auctor do projecto do monumento a Eduardo Coelho

cantado com essa comprehensão viva, original e graciosa, que o apreciava de longe e lhe dava tão encantadoras respostas, folgando tambem de penetrar anticipadamente nas predilecções do seu futuro companheiro e de as achar tão semelhantes ás suas, com um matiz um pouco melancolico que lhe agradava como o symptoma de uma commoção e de uma perturbação inconsciente. Escrevia-lhe uma vez:

«Como é encantador o seu nome, nome de mulher, de pérola e de flor, essas tres coisas deliciosas que se incarnam no seu vulto! Acaba de me ajudar a levar com paciencia uma longa manha bem massadora passada a rever contas de um caseiro. Em cima da janella e defronte de mim estava um bello pé de Margaritas que se balouçava, e quando me cançava muito a monotonia fastidiosa d'esses artigos de arrendamentos, levantava os olhos para as flores, e dizia-lhes em voz baixa: Bons dias minhas pequenas margaritas, sois brancas, sois graciosas como a menina que eu amo, e nos reflexos do vosso coração vejo todo o outro dos seus cabellos» e assim tomava animo conversando com as suas mimosas irmãs.

Na carta immediata, depois de pequenas noticias de familia encontrára esta resposta:

«Obrigada por tantas coisas bonitas que lhe inspira o meu pobre nome, sublinhei-o no calendario como o de uma santa muito festejada mas não sei porque tanto gosta, n'este nome, da sua accepção de flor; passa tão depressa! Em se arrancando ou em secando algumas petal-las, acabou a flor. Imagine que só lhe restavam quinze vezes para vér partir a uma e uma as pequeninas folhas brancas e que no fim se fosse com a ultima a sua felicidade ainda gostaria de se chamar Margarida?»

Elle assustara-se com o tom um pouco triste da resposta, interrogára a sua noiva com uma vivacidade inquietada, mas ella respondera-lhe com jovialidade, e a correspondencia continuou regularmente.

Ella entregava-se com um prazer intenso a esse delite de ser apreciada por um homem iniligente, cujas ternas palavras, que se não dirigiam a ella suavemente, a acariaciavam.



Lançava-se com enlevo nos acasos e nos caprichos d'essa conversação a distancia, e tudo se reunia para augmentar o encanto estranho d'essa situação especialissima, até a lembrança fugitiva d'essas cartas lidas uma vez apenas, cujos termos procurava encontrar de novo ao abrigo do seu pequeno quarto. Vivendo unicamente no presente, nem já contava os dias - essas pétalas brancas - em que falara, e que o tempo a uma e a outra a arrancando ao seu coração, não se lembrando de que isso tinha de acabar e breve.

Uma manhã, entrando no pequeno escriptorio a que se limitava agora o seu horizonte, encontrou Margarida D. . . vestida com o fato da rua, muito apressada, e que só teve tempo de lhe dizer:

— Leia isso, que é um verdadeiro triumpho para a Clarinha! Obrigada e adeus... A gente, antes de se casar, precisa de um feriado de tres dias mais espero vel-a no dia 4.

E foi-se.

A carta escripta por uma letra bem conhecida, encerrava poucas palavras, e dizia o seguinte:

«Graças a Deus, está acabado o exilio! Parto e parto para encontrar e para sempre a minha noivadinha que amo tanto que amo mil vezes mais ainda do que antes da minha ausencia, porque, devo confessar-l'ho, agora que fez duas vezes a minha conquista que eu antes de partir só a adorava metade de si mesma.

Era tão muda, tão bisonha! Quem poderia ter adivinhado todos os thesouros da sua graça e do seu espirito, antes de os ter recebido todas as manhãs, como um pobre preso um raio do sol?

«Sabia que era deliciosamente bonita, mas tão espirotuosa e fina, era uma surpresa que me reservava, e que eu lhe agradecerei esta noite como a sinto.»

Mada e convulsa, Clara lia e relia essas dez linhas, com o coração cheio de um sentimento que era um mixto de tristeza e de alegre orgulho, encolhendo os hombros ao lembrar-se d'essa noiva que lhe isso rra a ella, e ao mesmo tempo deplorada de ciúme pelo que essa noiva lhe tirava o que a ella pertencia.

Reliu dez vezes esse bilhete, inconsciente e immovel, até que ao entrarem os criados que vinham arranjar esse aposento onde tinha de se fazer a exposição do envoltivo, saiu fazendo um ligeiro signal com a cabeça aos criados que lhe pediam desculpa.

No pateo um criado que corria atraz d'ella fêz-a parar para lhe entregar um embrulhinho lacrado, dizendo que a menina o encarregára de lhe entregar aquillo, mas que não suppunha que ella saísse tão cedo. Agradeceu-lhe com um gesto e d'ahi a um quarto de hora estava em casa.

Na sua algebeira, o rolo de ouro, o salario d'esses dois mezes de trabalho, pesava um pouco; tirou-o, levantou-o nas mãos, depois com um gesto brusco, pôz-o a pino em cima da meza, acendeu duas velas que poz uma á direita e outra á esquerda, e ajoelhando com um gesto de ironia e de revolta, murmurou

— Salve, Deus todo poderoso...

Depois, cheia de vergonha e de remorsos, derribando esse simulacro de altar, atirou-se para cima da cama, chorando alto e soluçando, emquanto o sol de abril illuminava essa janellinha perdida nos telhados...

Aqui está, meu amigo, o que succede ás vezes ás raparigas que vinte annos viveram honrada, digna e laboriosamente. Sabe-me dizer porque é, e se é por culpa d'ellas?

O auctor da «Novena de Coletta»...

Amendidades parlamentares:

- O orador é um ludo calhallo
- Vai retirar essa palacra.
- Retiro — o ludo.

## Hortos e jardins

Chega d'aqui a mezes o outomno, a estação melancholica por excellencia, em que plantas e arbatos nos offercem como adeus de despedida a estes bellos dias, as suas deradeiras flores, as folhas amarellecidas se despedem das hastes e caem uma a uma por cima dos lirios que se inclinam, das verbenas que empalidecem, das rosas que se fanam e das espadanas que expiram. Impellidas pelo vento, essas flores caem moribundas por sobre as corollas fluorescentes dos malmiqueros da seica, por sobre as pétalas polychromas dos tumidos chrysantemos.

Como nos campos e nos bosques, está o Jardim prestes a depôr a sua corôa brilhante e perfumada, que só tornará a conquistar na proxima primavera.

E para então ver-se ha essa eterna corôa ao longo das aléas e dos massios de verdura novamente recamada da esplendida pedraria que lhe ha de conceder o prodigio sol de maio.

Ao contemplar em novembro os canteiros que vão perdendo as suas flores, ha como um desejo de approximar os mezes decorridos e confundir as estações, para assim resuscitar 'n'um todo imaginario a triplice florescencia do outomno, da primavera e do estio.

E então desenrola-se aos nossos olhos uma inequalavel miragem em que tudo é briho e perfume, em que tudo é purpura, neve, azul, velludo, setim, roseos pennachos, justilhos scintillantes, niveos collares aureos diademas, tunicas mosqueadas, calices odoriferos, espigas violaceas, estrelas argentinas, corollas magnificas, garridas esphas, rubidas cristas, cachos delicados, grinaldas flexiveis, discos elegantes, balsamicos ramuscucos, urnas glaucas ou lilazes, taças de ouro, campanulas de prata, uma catadupa emfim de perolas, coraes, amethystas, esmeraldas, saphiras, topazios, brilhantes e rubis!...

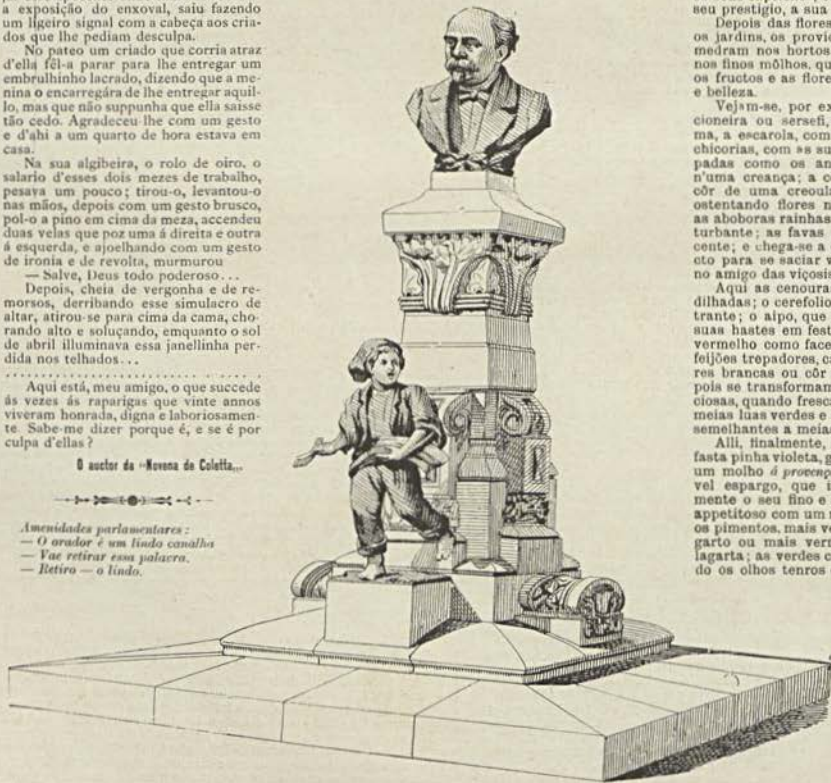
E cada uma d'essas flores tem a sua historia, a sua lenda, o seu braço, o seu embrio; a a sua lingua, os seus caprichos, os seus amores, o seu prestijio, a sua alma... Depois das flores que guarnecem os jardins, os providos legumes que medram nos hortos e fazem pensar nos finos molhos, que tambem, como os fructos e as flores, tem perfume e belleza.

Vejm-se, por exemplo, a escorcioneira ou sersefi, com a sua pluma, a escarola, com a sua corôa; as chicorias, com as suas folhas encrespadas como os anneis do cabello 'n'uma creança; a couve-flor, com a cor de uma creoula; as hervilhas, ostentando flores na sua botocreira;

as aboboras rainhas, vaidosas do seu turbante; as favas com o seu crescente; e chega-se a desejar ser insecto para se saciar voluptuosamente ao amigo das viciosissimas alfaves.

Aqui as cenouras, de folhas rendilhadas; o cerefolio, de cheiro penetrante; o alpo, que deixa pender as suas hastes em festões; o rabanete, vermelho como faces de creança; os feijões trepadores, carregados de flores brancas ou cor de rosa, que depois se transformam em vagens graciosas, quando frescas semelhantes a meias luas verdes e quando maduras semelhantes a meias luas de ouro...

Ah! finalmente, a sicabofra, de fasto pinha violeta, gostosissima, com um molho de proceçal; o incomparavel espargo, que inclina graciosamente o seu fino e azulado com tão appetitoso com um molho branco!... os pimentos, mais verdes que um lagarto ou mais vermelhos que uma lagarta; as verdes couves, defendendo os olhos tenros e macios com as



Monumento que vai ser erigido a Eduardo Coelho, fundador do *Diario de Noticias*, na alameda de S. Pedro de Alcantara



suas encrespadas folhas; os nabos, que occultam nas camadas de uma terra fecundante a neve do seu bolbo delicioso; os melões, defendidos pela sua espessa casca, que lembra um capacete de romano; os alhos francezes, erguendo-se como clavos de marfim; as beringelas, violáceas como as meias de um bispo; a abobora amarella, que, partida em talhadas, nos dá a illusão de barras de ouro...

Gosto de ver n'um horto os legumes entremeados com as flores; o setim dos lirios a distinguir-se da esmeralda das alfices, do veludo das grosseiras e do ouro deslumbrante dos goivos; os rubidos rabanetes a ressaltarem do ambar das aboboras: os açafraoados heliantes a sobresaltarem da folhagem verde das coives, arredondadas em largo cabeção; e os cocinhos fructos do tomateiro, avidos de saboroso gratin, a destacarem-se da pallida côr das malvas e da alfazema.

Depois dos legumes e das flores, os arbustos garridos e as arvores fructíferas do horto a serpentarem em graciosos arabescos ao longo das espaldeiras, com os seus perfis elegantes e caprichosos, contornados em espirales, vasados em calices, arredondados em cupulas, conforme o capricho e a inspiração do horticultor, a um tempo pintor, architecto e esculptor d'esses providos torrões.

É o pecegueiro, que veio da Persia, a pereira, oriunda da Syria, a amendoeira e a romeira do norte da Africa, o damasqueiro de Damasco, a maceira e a figueira do Oriente, a amoreira e a laranjeira da China, a vinha da Grecia, a grosseira de Hespanha, a cerejeira que Lucullo trouxe das cercanias de Cerasonte, — arvores diversas e abençoadas que confundem os seus ramos acilimados, encantam os olhos do homem, dão-lhe sombra e lhe deixam cahir na mão um fructo delicado.

Arvores, legumes e flores, cada planta representa para nós uma data e um nome, um paiz, um aperfeiçoamento, um progresso; conta-nos a sua procedencia, a sua historia, a sua graciosidade, a sua conquista benéfica e disputada que custou ao homem não só quantos séculos de pesquisas e de viagens, de cuidados, de esforços, de paciencia!

A um canto do jardim, exposta ao sol, ergue-se a estufa, verdadeiro santuario de plantas exóticas e flores raras.

Ahi o verão é no inverno, a primavera em dezembro, o Meio Dia no norte, os tropicos ou o equador na Europa, São plantas aristocráticas e flores titulares, vindas das terras do Sol, das praias perfumadas do Pacifico, das ilhas longinquoas, das costas oceanicas ou do oceano indico; plantas bellas e primorosas que de bom grado compararia ás formosuras estrangeiras que frequentam os nossos salões.

Ahi, em poucos passos, faz-se uma viagem á roda do mundo. Os tropicos engrinaldam as verdes canicados; o Oriente illumina as leivas de flores esplendidas, e o Equador alça-se soberbo e fulgurante por detrás d'esse conjunto maravilhoso ensombrado por uma palmeira de Java.

Os levas bambas lembram a China; os chrysaentemos e as camelias, o Japão; os fetos arboreos, a Australia; as magnificas orchidaceas, a America, as mimosas, a Africa; as plantas phantasticas, a India.

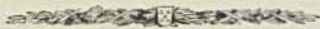
É para completar o quadro, n'essa estufa, verdadeiro laboratorio de verdura e de tepidos perfumes de uma primavera eterna, vê-se meditativo e curvado o horticultor, sciente e pacientemente a ampliar a obra da natureza, que de novo examina, corrige, aformoseia, engrandecendo, edifica, desenvolve, aperfeiçoa, vulgariza, até dotar a humanidade com um legume appetecivel, uma arvore proveitosa, um novo fructo ou uma rara flor de gracissimo aspecto.



Antonio Januario Corrêa

† 13-3-1901

*Pintor distincto, tendo vivido no passado agitado das nossas luctas civis, largou muita vez o pincel para empunhar a espingarda, como voluntario, no batalhão nacional em defesa da Liberdade. Pyngista exímio, são d'elle as decorações de algumas salas do palácio Saldanha, em Cintra, as pinturas da chamada carruagem da coroa (coche da Casa Real) que lhe valeu o título de S. Thiago, com que El-Rei D. Luiz o agraciou, e por ultimo dois quadros, um representando a partida do Vasco da Gama para a India e outro a chegada ahi, quando o Samoria o recebeu. Intimo de Gomes de Amorim e Carlos Retas, é d'elle ainda o tecto da igreja de S. Roque; artista mais modesto nunca houve. Por isso é justa ainda que tardia, esta homenagem.*



## Triste dialogo

O' Emilia dás-me um beijo?

«Não senhor»

Com um se vai meu desejo ...

«Sim, amor.»

De minha febre, Emilia,  
não tens dó?

«Não é um beijo que a estria  
um tão só.»

Mas se queres dar mais beijos  
de que um só ...

«Não são esses meus desejos  
dar por dó.»

Mas se vês que por affecto  
podes dar ...

«O senhor não é objecto  
de beijar.»

«Beijo só os pés de Deus  
em paixão;  
e beijar os labios seus  
é questão ...»

Dize oh! é questão de quê?! ...

«Ora veja ...

É questao, pois, já se vê,  
d'uma igreja! ...»

## Salve!

Expande-se a minh'alma onde parece  
Que solta um rouxinol o seu gorgelo;  
Sinto d'um ar mais vivo o peito cheio  
E o sol nascente o coração me aquece:

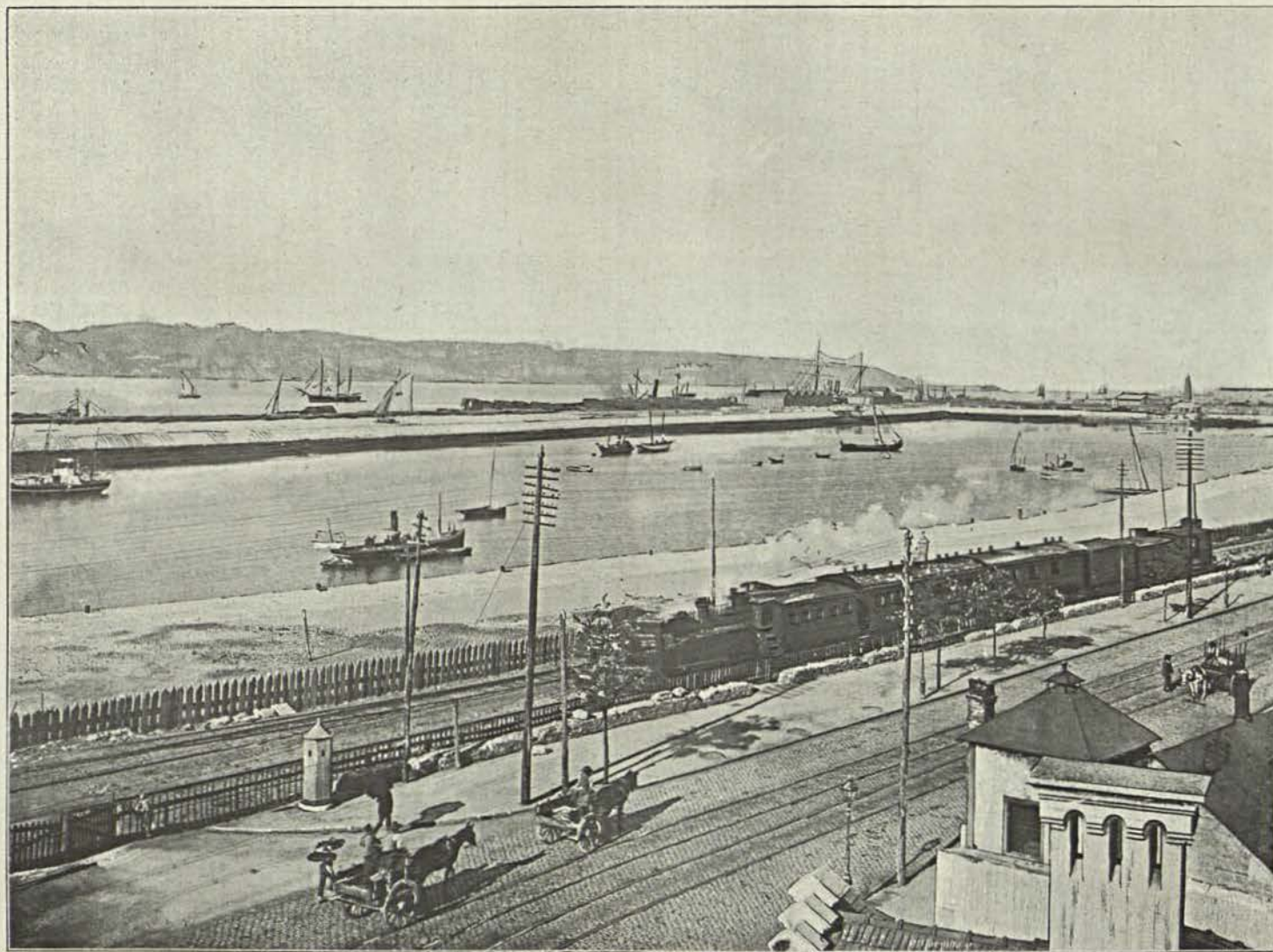
Eis-me no sitio amado onde me esquece  
Quanto á paz que me cerca eu julgo alheio,  
Onde vivo outra vida n'outro meio  
Em que tudo me fala e me conhece!

Canta o moinho uma canção dolente;  
Pelos combros resvala o sol doirado;  
Um bando de pardaes vóz contente ...

Salve! pelo prazer que me tens dado,  
Meu calmo despertar d'um céu ridente  
N'um cantinho de terra abençoado!



# O porto de Lisboa



A doca de Alcantara — *Cruzamento de linhas ferreas*

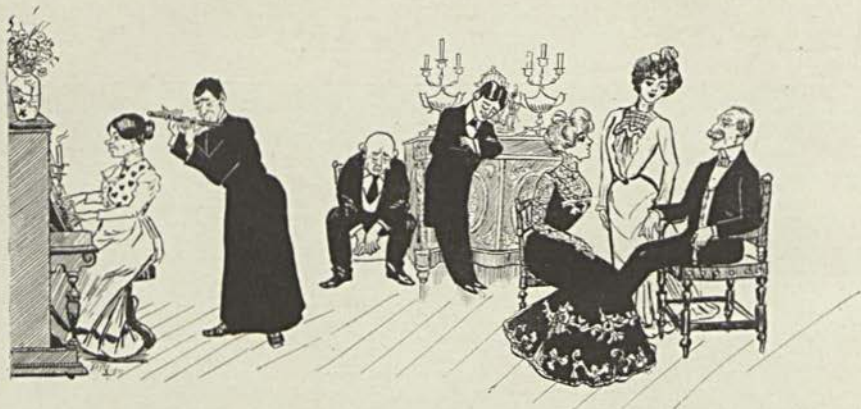




SUA ALTEZA D SENHOR INFANTE D. MANOEL



# A Sociedade onde a gente se... diverte!



Musica



Declamação



Canto



# BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão

Tecido e capa: Companhia Nacional Editora  
Largo do Londe Barão, 30

Páginas suplementares: OE\*\* Edição Nunes & F\*\*  
Rua d'Assumpção, 11 e 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jaime Viktor, Lorrã Tavares  
Editor — Luis Antonio Sanchez  
Redacção e administração — Rua de S. Roque, 135  
End. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno .....	36000	Anno .....	52400	Anno .....	78400
Numero avulso .....	2800	6 meses .....	28400	6 meses .....	43000
		3 meses .....	18500	Numero Avulso .....	2900
		Numero avulso .....	2300		

## SUMMARIO

### TEXTO

- Suissa — Geleiras de Rosette e Bernina.
- A entrada da barra — ALBERTO MARQUES PEREIRA.
- Cenar Augusto de Camões Rodrigues — H. DE LACERDA.
- As festas Garretianas — No Porto.
- As mulheres da Índia Portuguesa — CONDE DE FICALHO.
- Versos — JULIO DANTAS.
- Conde do Villar Secco.
- Eduardo de Serpa Pimentel.
- Milagre ou crime?
- Carreiro da vida — JOÃO DE DEUS.
- Uma pedreira — EDMUNDO AMICIS.
- A flora no Brasil.
- A flor de Saulnis — O AUCTOR DA NOVENA DE COLLETTA.
- Agriculturas no Brasil.
- Alvaro Machado.
- Pezamento.
- O monumento a Eduardo Coelho.
- Hortas e Jardins.
- Silve — CELESTINO SOARES.
- Antonio Joaquim Correia.
- Tente dialogo — ARAUJO FERREIRA.
- O porto de Lisboa — A DOCA DE ALCANTARA.
- Sua Alteza o Senhor Infante D. Manuel.
- A Sociedade onde a gente se... diverte! — LOT.

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

### No Continente

- PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 122.
- EVORA — Agência geral em Evora e no Sul: Eduardo Brazão Pereira, Praça do Geraldo, 18, 1.º
- BONAVENTURE — J. N. A. Carvalho.
- SOETE DE LIMA — Genm, Amara & Com. 22.
- COIMBRA — João Ribeiro Azevedas, Arco do Ivo, 1.º.
- CARP — LIO BARCO — Pedro Augusto Passos.
- ABRUZZO — Antonio Augusto Salgueiro.
- ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
- A.º CORUA — José Narciso da Costa.
- PORTALEGRE — Domingos da Oliveira Conde LEIRA — Manuel Pereira Dias.
- FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques da Olive VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues CORUCCI — José Pereira Cabral.
- TAVELA — José Maria dos Santos.
- FARO — Maya & Trigozo.

### No Estrangeiro

- PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Cligny, 19
- A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

### Na India

- NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francesa — Rua Alfonso de Albuquerque.

### No Brasil

- RIO DE JANEIRO — S. PAULO — Agência Central dos Estados do Sul: Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Almeida, 4, sobrado.
- PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira. — Rua Primeiro de Março, 54.
- PARAÍBA — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 50.
- MARANHÃO — Jaymes & Camara — Livraria Classica — Rua Guilherme Moreira.
- MARANHAO — Leoncio J. de Medeiros & C.ª
- CELARÁ — A. Ferreira Braga — Praça José Alencar, 20
- BÁHIA — José Luis de Fozes Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 28
- PELOTAS — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).
- PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana)
- RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

### Em Africa

- MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho
- BEIRA — Antonio Francisco Ribetiro.
- MOÇAMBIQUE — Joaquim Teixeira de Assumpção.
- QUILIMANE — Henrique Jorge de S. Neves.
- HENGUÉLLA — Mathews & Tavares.
- LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lourenço.
- S. THOME — L. A. B. Alves Mendes

## REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

- No Estado de S. Paulo (Brasil) representam **Brasil-Portugal** os sr.s:  
Abreu Irmãos & C.ª, em S. PAULO.  
Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.  
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguará, n.º 1), em CAMPINAS.  
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.  
A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.  
Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andre- sen) — MARAÓS.

## Bom conselho

- Como tu estás abatido, rapaz!
- Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
- Mas agora reparo... Tu estás forte, riço, com boas cores. E eras tão frangino!
- Comas, meu velho. Faz como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moinho da Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.



## 23 Illustrações

## PAGINAS SUPLEMENTARES

- Os nossos correspondentes.
- Representantes do «Brasil-Portugal».
- Bom conselho.

Provenem os preciosos vinhos  
de Adriano Ramos Pinto



**Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho**

FORNECEDORES DA CASA REAL

**J. NUNES CORRÊA & C.<sup>a</sup>**

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 152, 164 e 166 — LISBOA

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Prezantíssimas-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mecânico para confecção de uniformes. — Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade do preço.

**Companhia Geral do Crédito Predial Portuguez**

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2%, de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2% e commissão de 1/4% de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2% á ordem e 3% ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2% ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto esta installada uma delegação que re olve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

**WEA DO**

ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS  
E CIGARRÓS EM CARTEIRINHAS

**GUILHERME SILVA**

Camisas, ceroulas,  
gravatas, collarinhos  
e punhos



Roupas bordadas  
e camizetas  
Exóticas em todos os  
generos

LONDON &amp; PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL  
Capital social 2.400.000.000 réis  
18.000.000.000 c.

De dividendos pagos desde 1904 até 1908  
PREMIOS E RESERVAS S 532.000.000

Registros mercant. (inscrito), septimo  
de que se trata

Equator Atlantique & Union Marítima  
Companhia de navegação entre os mares do norte  
e linha de transporte de qualquer natureza.

Direcção — Lima, Mar & Filtros

LISBOA — Rua da Prata, 59, 2.º

**GABINETE HYDROTHERAPICO**

e Dr. Mauperrin Santos

Médico Director J. Mauperrin Santos  
Médico Assistente J. Silvestre d'Almeida

Instalação hydrotherapica completa; duas  
salas de douches para homens e senhoras, inter-  
amente de porcelana e independentes; gabinete  
de massagem a vapor, cidade e massageamento  
e gymnastica medica, dirigidos por C. de Gus-  
ta. Tratamento de doenças nervosas e do estomago.

Aberto das 8 da manhã a das 5 da tarde

ESTABELEDOR: CALÇADA DO DUQUE, 80 LISBOA  
CALÇADA DA GLÓRIA, 28 LISBOA

**CESAR A. PAIVA**  
CERDASIA DENTISTA  
DE  
SUAS Magestades e Altezas  
E de Hospital de S. José e Lacerda  
CONSULTORIO  
R. do Azevedo, 100, 1.  
LISBOA

**VINHOS**

**VILLAR D'ALLEN**  
**CHAMPAGNE**      **VINHOS DE PASTO**

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.<sup>a</sup>

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

**GRANDE HOTEL METROPOLE**

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricas dia e noite

A 3 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.





## ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição  
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas  
nacionaes e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

## BANCO DO MINHO

SÉDE EM BRAGA

Fundado no anno de 1864

Endereço telegraphico-MINHO

CASA FILIAL NO PORTO

Agencia em Lisboa — BANCO LISBOA &amp; AÇORES

Effectua todas as operações bancarias

Correspondentes em todas as cidades, villas e logares importantes  
de Portugal, Hespanha, Italia,  
Londres, Paris, Hamburgo, Montevideo e Buenos-Ayres

## AGENTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — Sampaio Oliveira & C.ª, R. do Gene-  
ral Camara, 13  
S. Paulo — Garcia Nogueira & C.ª  
Santos — Ferreira de Souza & C.ª  
Bahia — Banco Commercial da Bahia  
Pernambuco — Luiz Duprat  
Rio Grande do Sul — Campos Moraes & C.ª  
Pará — Banco do Pará.

SUB-AGENCIAS, EM LOCALIDADES

DE SECUNDARIA IMPORTANCIA

## CHAPELAIRA DA MODA

DE

JOÃO ALVES DA COSTA

32, Rua Garrett, 34- (Chiado)

LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets  
para homem e creança, nacionaes e estrangeiros,  
em seda, feltro e palha.  
chapéus CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinaes de MONDARIZ

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS &amp; FILHOS

## FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos &amp; Filhos

Superior ao oleo de fígado de bacalhan,  
Superior ás emissões oleosas,  
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,  
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resulta-  
dos seguros e rapidos no tratamento das doenças aci-  
ma indicadas, quer em creanças quer em adultos. É  
agradavel á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a  
opinião favoravel de professores da Escola Medica,  
directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, nota-  
veis medicos eminentes especialistas.

Ensiado com exito seguro em todas as casas de  
beneficencia do Porto.

## MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 34300 réis; caixa  
de 12 frascos, 64200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos &amp; Filhos, Porto

Telephone. 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO. 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias  
e drogerias do país

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS &amp; FILHOS



JOÃO FERREIRA  
PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL  
PORTO

## Bilhetes postaes illustrados

Collecção a mais perfeita, variada e importante de Portugal

Cada duzia 200 rs.

Cada cento 1\$500 rs.

Para revender, condições especiaes

ESTA GRANDE COLLECÇÃO comprehende já cerca de 300 varie-  
dades com os retratos de toda a Familia Real, monumentos e edificios  
notaveis de todo o país, vistas de Lisboa e de muitos pontos do continente  
e colonias, costumes portuguezes, assumptos militares, marítimos, politicos,  
agricolas, de bellas artes, etc., etc.

Faustino A. Martins

Praça Luiz de Camões, 35 — Lisboa

N esta mesma casa compra-se toda a sorte de sellos colonias, etc., e  
é onde melhor se pagam sempre.



# AGENCIA FINANCIAL

DE PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza. Fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

SAQUES SOBRE PORTUGAL

pagaveis pelo Banco DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THE-SOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O Agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS



VINHOS VELHOS  
LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

PORTO  
REGISTRADA  
MARCA DE COMMERCIO

Londres, 1862; Porto, 1866; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO



## O TIRADENTES

Romance Historico Brasileira em 2 volumes  
de 550 paginas cada um

POR

JOSÉ AGOSTINHO

E' posto á venda, por estes dias, nas principaes livrarias do Brasil o 1.º volume d'este grandioso romance historico, em que se descreve em traços frisantes, a conjuração mineira, destacando-se o immortal patriota Tiradentes. Romance baseado n'um plano tão amplo que, a proposito do grande movimento de Minas põe em foco a gestação da Revolução Franceza, approximando-se da grande figura de Voltaire os estudantes do Brazil que em França aqueceram ainda mais o seu ideal sagrado; e é fecundo em lances, em desenhos de nobres figuras como o Marquez de Pombal, Jefferson e outros e faz um descriptivo intenso d grande natureza americana. A acção historica é sempre amenizada, por uma forma viva, reservando para o fim de cada volume, as notas da respectiva documentação muito solida e proficiente.

Livraria Editora de Antonio Fiacirinhas — PORTO